



ANA CRISTINA DE SOUSA SANTOS

**AS RELAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA SOB
A ÓTICA DOS ESTUDANTES DA EEFM JOÃO
NOGUEIRA JUCÁ**

Redenção (CE)

2017

ANA CRISTINA DE SOUSA SANTOS

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção de grau. Orientação: Professor Dr. Antônio Vieira da Silva Filho.

Redenção (CE)

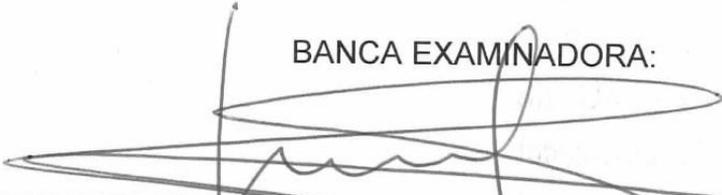
2017

AS RELAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA SOB A ÓTICA DOS ESTUDANTES DA EEFM JOÃO NOGUEIRA JUCÁ

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção de grau. Orientação: Professor Antônio Vieira da Silva Filho.

Monografia aprovada em 19/12/2017.

BANCA EXAMINADORA:



Professor orientador: Dr. Antônio Vieira da Silva Filho.



Professor: Dr. Francisco Thiago Rocha Vasconcelos.



Professor: Dr. Antônio Marcos de Sousa Silva.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Santos, Ana Cristina de Sousa.

S237r

As relações sociais da violência sob a ótica dos estudantes da
EEFM João Nogueira Jucá / Ana Cristina de Sousa Santos. - Redenção, 2017.
65f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto De Humanidades E
Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira, Redenção, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Vieira da Silva Filho.

1. Violência na escola - Brasil. 2. Violência escolar. 3.
Pesquisa de campo. I. Título

CE/UF/BSCL

CDD 371.780981

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CAPITULO I - CONCEITUANDO VIOLÊNCIA	10
2.1 DEFINIÇÃO DE VIOLÊNCIA	10
2.2 DEFINIÇÃO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA	15
3. VIOLÊNCIA NO AMBIENTE INTERNO E EXTERNO DA ESCOLA: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS	18
3.1 VIOLÊNCIA URBANA/CRIMINAL	18
3.2 “ <i>BULLYING</i> ” NÃO É BRINCADEIRA.....	23
3.3 VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL	27
3.4 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA/MORAL	32
4. VIOLÊNCIA URBANA NA SOCIEDADE BRASILEIRA: UM OLHAR SOBRE AS ESTATÍSTICAS	35
5. CAPITULO II - RESULTADOS DA PESQUISA E AS VOZES DOS ESTUDANTE	37
5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	37
5.1.1 GRUPO FOCAL.....	39
5.1.2 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS ESTUDANTES PARTICIPANTES	47
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
7. ANEXO 01 - Modelo do questionário utilizado na pesquisa de campo	61
8. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	64

RESUMO

Este trabalho busca caracterizar e conceituar as múltiplas formas de manifestação da violência no ambiente escolar. Identificando as relações sociais da violência através da percepção dos estudantes sobre este fenômeno e de como ela interfere no seu ambiente escolar e em seu cotidiano. Para compreender esse fenômeno foram utilizados referenciais bibliográficos sobre a temática da pesquisa que possibilitou suporte teórico para a discussão a respeito da violência e suas configurações. A pesquisa de campo foi realizada na escola EEFM João Nogueira Jucá, localizada no bairro da Sapiranga na periferia de Fortaleza-CE, sendo a única escola de ensino médio que abrange jovens de mais de 5 comunidades, cercadas por pontos de tráficos e marcada pela disputa desses territórios. A pesquisa de campo possibilitou o fornecimento de dados necessários para compreender como os estudantes dessa instituição se sentiam afetados pela violência. A pesquisa apresentada nesse trabalho é fundamentada nos registros transcritos do grupo focal e do questionário. Os resultados obtidos serão apresentados a partir da análise de dados qualitativos e quantitativos, na intenção de explicar a realidade social dos estudantes pesquisados, através de uma análise de dados, buscando compreender como os participantes enxergam a violência no ambiente escolar, e, portanto, de como eles sentem-se afetados (ou não) por ela. O intuito desse trabalho não foi culpar ou atribuir a escola e os sujeitos que a representam (gestores, professores e demais funcionários), pela disseminação de qualquer tipo de violência mas, compreender como ela se manifesta na realidade dos estudantes, e como eles a percebem.

Palavras-chave: Violência, Violência escolar, Ensino médio.

ABSTRACT

This work seeks to characterize and conceptualize the multiple forms of manifestation of violence in the school environment. Identifying the social relationships of violence through the perception of students about this phenomenon and how it interferes in their school environment and in their everyday life. To understand this phenomenon were used bibliographical references on the thematic of the research which, enabled theoretical reference to the discussion regarding violence and its configurations. The field research was conducted at the Escola EEFM João Nogueira Jucá, located in a neighbourhood of the periphery of Fortaleza-CE, because it is the only high school that covering students of more than 5 communities, surrounded by points of trafficking and marked by the dispute of these territories. Field research has enabled the provision of data needed to understand how the students of this institution feel affected by violence. The research presented in this work is based on the transcripts of the focal group and the questionnaire. The results obtained will be presented from the analysis of qualitative and quantitative data, in the intention of explaining the social realities of the surveyed students, through a data analysis, seeking to understand how participants see violence in the environment School, and therefore of how they feel affected (or not) by her. The intention of this work was not to blame or assign the school and the subjects that represent it (managers and teachers), for the dissemination of any kind of violence, but to understand how it manifests itself in the reality of the students, and how they perceive it.

Keywords: Violence, school violence, high school.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo identificar as relações sociais da violência através da percepção dos estudantes sobre este fenômeno e de como ele interfere no seu ambiente escolar e em seu cotidiano. Com isso foi necessário investigar como ela afeta as relações existentes entre os estudantes, a comunidade, a gestão, os funcionários e professores. Utiliza-se, para o desenvolvimento do tema proposto de revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo (realizada em 2016), elaborada por meio de atividades em grupo focal e questionários.

A violência na escola é um fenômeno bastante pesquisado e discutido, tendo em vista, que ela pode afetar diretamente no rendimento escolar dos estudantes, principalmente dos que vivem em situação de vulnerabilidade social¹. Por isso a escola escolhida para a pesquisa de campo foi: EEEM João Nogueira Jucá, localizada em no bairro da Sapiranga em Fortaleza-CE, sendo ela a única escola de ensino médio que abrange estudantes de mais de 5 comunidades, cercadas por pontos de tráficos e marcada pela disputa desses territórios. Diante disto, uma parcela considerável de estudantes dessa instituição convive diariamente com a violência, resultante principalmente dessas disputas. Conseqüentemente a realidade dessas comunidades é a convivência com a ausência de serviços públicos, falta de saneamento básico, assistência médica, assistência social, etc.

Através da pesquisa de campo, esse trabalho busca realizar um estudo sobre como esses estudantes de ensino médio da EEEM João Nogueira Jucá, identificam as relações sociais da violência dentro da escola e no ambiente comunitário da mesma.

No primeiro capítulo, trata-se de uma breve discussão e definição sobre violência, baseada em pesquisa bibliográfica. Sobre a violência na escola, busca-se conceituar suas tipologias e compreender como ela interfere (ou não) no cotidiano

¹ Considera-se nesse trabalho, que indivíduos que vivem em situação de vulnerabilidade social são: “famílias e indivíduos com perda ou fragilidade de vínculos de afetividade, pertencimento e sociabilidade; ciclos de vida; identidades estigmatizadas em termos étnico, cultural e sexual; desvantagem pessoal resultante de deficiências; exclusão pela pobreza e, ou, no acesso às demais políticas públicas; uso de substâncias psicoativas; diferentes formas de violência advinda do núcleo familiar, grupos e indivíduos; inserção precária ou não inserção no mercado de trabalho formal e informal; estratégias e alternativas diferenciadas de sobrevivência que podem representar risco pessoal e social”. (BRASIL,2004, P.27)

dos estudantes, tanto dentro da escola, como no bairro onde a mesma se situa. Para isso, utilizam-se como base alguns relatos dos participantes da pesquisa de campo.

No segundo capítulo, será apresentada a metodologia de pesquisa escolhida para a realização desse trabalho, assim como, uma análise dos resultados da pesquisa de campo a partir dos dados coletados, dialogando sempre com as referências bibliográficas. Nesse mesmo capítulo será apresentado propostas de possíveis intervenções, construídas a partir da análise e observações realizadas no trabalho de campo. Concluindo com as considerações finais a respeito da temática violência na escola e relacionando-a com a pesquisa e seus resultados.

2. CAPITULO I - CONCEITUANDO VIOLÊNCIA

No primeiro capítulo desse trabalho faz-se uma análise geral sobre a definição conceitual de violência, buscando compreender como ela pode interferir nas relações sociais dos indivíduos. Faz-se, ainda, uma análise sobre a violência no ambiente escolar apresentando uma definição mais abrangente sobre o tema e suas principais tipologias, causas e consequências. Para isso, será utilizada uma pesquisa bibliográfica baseada principalmente em artigos sobre o tema. Recorre-se também a alguns dos resultados da pesquisa de campo para a definição de tipologias de violência interna e externa no ambiente escolar relatada pelos estudantes.

2.1 DEFINIÇÃO DE VIOLÊNCIA

A violência é um fenômeno social que afeta a humanidade desde seus primórdios. Assim como o mundo passa por grandes transformações, a violência também se modifica ao longo do tempo dentro de cada sociedade. Na atualidade ela não se restringe a determinados grupos sociais, mas aos mais diversos grupos tendo em vista que alguns possuem condições de proteção individual melhores que outros.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2002), a violência pode ser definida como uso intencional de atingir uma pessoa, um grupo ou uma comunidade com ações de força física ou agressões psicológicas que possam resultar em diversos danos, sejam eles físicos, morais, psicológicos, etc. Contudo, nessa definição apresentada pela OMS, a intencionalidade seria a principal característica reprodutora do ato violento assim como o uso da “força” seria o meio de utilização da violência.

Minayo (2006, P.23) afirma que a violência consistirá no uso da “força através do poder de privilégios para dominar [...]”. Entende-se assim, que o indivíduo seja capaz de empregar violência contra outro indivíduo, contra si mesmo ou contra um coletivo de pessoas através do uso da força permitido pelo poder. Sendo assim, o indivíduo que possui “poder” teria capacidade e meios para utilizar-se da violência.

Por apresentar as mais variáveis consequências, a violência sempre desperta múltiplos sentimentos nos indivíduos ou na sociedade em geral. Esses sentimentos são fortemente refletidos, por exemplo, em casos nos quais a violência acaba levando uma vítima a morte; isso pode ocasionar uma forte comoção dentro da sociedade, inclusive levar alguns indivíduos a praticarem atos de “justiça com as próprias mãos” (realizados geralmente por pessoas civis que alegam fazer o trabalho que a justiça não faz). Minayo (2006), afirma que a morte seria a pior de todas as consequências da violência exatamente por ela ser sobretudo a sua forma mais cruel que extingue a vida e o direito de liberdade dos indivíduos e que fortalece esse sentimento de violência.

Para melhor compreender a violência é preciso conceituar suas tipologias e sua natureza, para isso Minayo (2006, P.39) classifica a natureza dos atos violentos em quatro categorias:

Violência Física: que se refere ao uso da força para pratica de atos violentos, como as agressões, etc.

Psicológica: são as agressões de cunho verbal ou gestual, que de acordo com Minayo(2006) podem, aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir-lhe a liberdade ou, ainda, isolá-la do convívio social. Esse tipo de violência caracteriza o bullying, que é bastante estudado e pesquisado, quando se trata de violência na escola, pois interfere diretamente no comportamento das vítimas.

Sexual: que diz respeito ao ato ou ao jogo que ocorre nas relações hétero ou homossexuais e visa estimular a vítima ou utilizá-la para obter excitação sexual nas práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças. (MINAYO, 2006, P.39).

Negligências, abandonos e privação de cuidados: são formas de violência caracterizadas pela ausência, recusa ou a deserção do atendimento necessário a alguém que deveria receber atenção e cuidados. (MINAYO, 2006, P.39). Nessa categoria, está a violência contra criança e adolescente, e também contra os idosos, em casos de abandonos, privações ou negligências, ou seja, quando os responsáveis por esses sujeitos, familiares ou pessoas próximas, negam-se a suprir as necessidades essenciais para que eles possam viver em ambientes saudáveis. Isso expõe as vítimas a riscos, prejudiciais à saúde e a vida.

Em relação as suas tipologias, segundo a OMS (apud Minayo, 2005, p.23), a violência pode ser dividida em três tipos:

- Violência (auto infligida);
- Violência Interpessoal;
- Violência coletiva

A primeira refere-se à violência auto infligida, que é aquela em que o indivíduo pratica atos violentos a si mesmo, seja por meios de agressões, ou uso de força

física, etc. Nessa tipologia enquadra-se os suicídios, tentativas de suicídios e auto flagelações.

A segunda é a violência interpessoal, que pode ser caracterizada por intrafamiliar, ou comunitária. A intrafamiliar ocorre entre os indivíduos que possuem grau de parentesco ou apenas quando são pertencentes a uma mesma família, e ainda quando possuem um certo tipo de convívio familiar. O ato violento se concretiza quando ocorre dentro ou não desse convívio. Pode expressar-se de muitas formas violentas, tais como: física, simbólica, sexual, contra a mulher, contra o idoso (a), etc.

A violência intrafamiliar está bastante presente no cenário nacional. Sua principal característica está relacionada a um modelo cultural da sociedade brasileira, marcada pela intolerância e o abuso do poder. Para Minayo (2006), esse tipo de violência é comum quando se trata dos conflitos internos de família em relações de gênero, religião, orientações sexuais, dentre outras.

Já a violência comunitária, entende-se por aquela que abrange um ambiente social maior, entre pessoas de diferentes famílias e contextos que podem se conhecerem ou não. Nesse tipo de violência pode ocorrer: agressões de cunho físico ou simbólico, sexuais, juvenil, criminal, etc.

A terceira é a violência coletiva, ela ocorre em relações que abrangem uma parte determinada da sociedade, em que a violência possui cunho social, político e econômico. Nessa categoria, encontram-se as guerras, racismo, discriminação, negação de direitos a portadores de necessidades especiais, etc. Ainda nesse contexto, pode-se incluir a violência estrutural, que é a reprodução de processos sócias, de caráter político, econômico, etc.

A violência estrutural tem a ver com as desigualdades nas diversas estruturas sociais como nas relações de gênero, de raça, etnias, culturas, etc. Para Minayo (2006), é quando há uma manutenção da exploração das desigualdades sociais entre determinadas pessoas para com outras, que podem levar a sujeição do indivíduo às situações de miséria, medo, insegurança, dentre outros.

No campo da filosofia política, Hannah Arendt (1969), defende que para compreendermos a violência é preciso distingui-la do poder, do vigor, da força e da autoridade, que por muitas vezes são utilizados como sinônimos de violência, afirmando que: “poder, vigor, força, autoridade e violência – nada mais são do que

palavras a indicar os meios pelos quais o homem governa o homem; são elas consideradas sinônimas por terem a mesma função”. (ARENDDT, 1969, p. 27).

Primeiramente, o poder significa ser capaz de algo ou ter posse de algo, etc.; Para Arendt (1969), “o “poder” corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em unísono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido”. (ARENDDT, 1969, p. 27). Assim como, “a forma extrema do poder resume-se em Todos contra Um e a extrema forma de violência é Um contra Todos”. (ARENDDT, 1969, p. 26). Sobre o vigor, a autora afirma que:

Designa inequivocamente alguma coisa no singular, uma entidade individual; trata-se de uma qualidade inerente a um objeto ou pessoa e que pertence ao seu caráter, a qual pode manifestar-se em relação a outras coisas ou pessoas, mas que é essencialmente independente deles. (ARENDDT,1969, P.28).

A definição de força “deveria ser reservada, na linguagem terminológica, para designar as “forças da natureza” ou as “forças das circunstâncias”, isto é, para indicar a energia liberada através de movimentos físicos ou sociais”. (ARENDDT,1969, P.28).

Sobre autoridade, afirma a filósofa alemã que “sua característica é o reconhecimento sem discussões por aqueles que são solicitados a obedecer; nem a coerção e nem a persuasão são necessárias”. (ARENDDT,1969, P.28).

De acordo com Arendt (1969), a violência se caracteriza e se diferencia dos outros termos pelo seu caráter instrumental e pelos meios que utiliza. E mesmo assim,

“do ponto de vista fenomenológico, está ela próxima do vigor, uma vez que os instrumentos da violência, como todos os demais, são concebidos e usados para o propósito da multiplicação do vigor natural até que, no último estágio de desenvolvimento, possam substituí-lo”. (ARENDDT,1969, P.28).

Para a autora o poder é o termo que mais se aproxima da violência; contudo ela enfatiza que a diferença está justamente em relação ao caráter instrumental da violência, pois “certamente, uma das mais óbvias distinções entre o poder e a violência é que o poder tem a necessidade de números, enquanto que a violência

pode, até um certo ponto, passar sem eles por basear-se em instrumentos”. (ARENDRT,1969, P.26).

Arendt (1969), em seu livro “*Sobre a violência*”, para explicar sobre o comportamento violento, esclarece que deve-se questionar as pesquisas feitas pelas ciências naturais que analisam os padrões de comportamento dos homens através do comportamento de outros animais, pois estas pesquisas consideram o comportamento “violento” como uma ação natural do ser humano e, portanto, irracional. “Em oposição a estas teorias e suas implicações, argumentarei que a violência não é nem animalesca e nem irracional – tomando-se ou não esses termos na linguagem comum dos humanistas, ou de acordo com teorias científicas”. (ARENDRT,1969, P.39). Para a autora, o homem utiliza da violência justamente pela sua capacidade de controlar suas ações naturais através da razão, assim como pela sua capacidade de criar instrumentos. E com isso, os homens se libertam de viver num ambiente limitado como os outros animais.

A violência é um fenômeno amplo e complexo, para a filósofa Arendt (1969), no campo da política, a violência não é natural, irracional ou pessoal. Mas, para ser compreendida, é preciso ser estudada de forma aprofundada, buscando delinear a sua distinção conceitual dos termos força, poder, vigor e autoridade, para que se possa compreender a ligação dos termos e seus usos. E como já foi visto, a violência irá se diferenciar justamente pela sua instrumentalidade.

A violência está presente em diversos contextos sociais, apresentando-se de formas diferentes em cada sociedade. Muitos estudos sobre a violência no Brasil associam o momento da juventude/adolescência à prática da violência, assim como também essa faixa etária é apresentada como as maiores vítimas da mesma. Os fatores que estão associados à conduta violenta são variados, mas em geral estão associados à cultura, escola, família desestruturada, pobreza, educação, etc.

A violência também interfere nas relações sociais entre os indivíduos, e na escola um local de socialização e construção de saberes, ela interfere de forma prejudicial os estudantes, comunidade e gestão. É necessário entender o que é a violência na escola para compreender como ela atinge o ambiente escolar.

2.2 DEFINIÇÃO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Pesquisar a violência na escola é primeiramente não enxergar apenas como um fenômeno isolado, mas como uma consequência de um contexto social determinado. A escola é um ambiente de socialização, ressocialização e construção de saberes, mas em alguns casos ela se torna um local onde a violência acaba sendo reproduzida. Isso pode acontecer por vários motivos desde ao *bullying* à violência institucional. Diante disso e de acordo com a pesquisa realizada para este trabalho é possível perceber, que uma das causas da violência na escola, pode ocorrer devido ao fato de que a escola (espaço físico) e seus profissionais (comunidade escolar) nem sempre estão preparados (ou não recebem apoio da comunidade/familiares, etc.) para lidarem com as diversidades da juventude; sejam elas físicas, culturais, sociais, etc., afinal cada estudante vem de uma realidade diferente, portanto, tem seu próprio jeito de ser e de pensar e isso tem a ver com a sua identidade, cultura e outros fatores.

É preciso também ressaltar que a reprodução da violência também pode existir por fatores externos que devem ser levados em consideração como o contexto social e familiar de cada estudante. E faz necessário salientar que esse tipo de violência apesar de na maioria das vezes está associada às escolas públicas, não se restringe apenas a ela, mas também às escolas particulares.

Neste trabalho, para definir a violência na escola, não se levou em consideração apenas a violência que ocorre dentro da escola, mas principalmente a esses fatores externos; tendo em vista que é um tema bastante pesquisado e como resultado é possível identificarmos que fatores como a família desestruturada, o tráfico, os conflitos na comunidade ao redor da escola, a negligência, dentre outros; são relevantes para entender que tipo de violência os jovens sofrem e como ela afeta no âmbito escolar.

Independentemente do tipo de violência sofrida pelos estudantes, ela causa consequências, que podem afetar o indivíduo diretamente ou indiretamente e aos que estão ao seu redor. Com isso, a violência pode afetar a vida de um estudante na sua formação, na convivência em sociedade e principalmente no seu aprendizado.

Para melhor identificar a violência no âmbito escolar, Charlot (2002) a partir de 1990, em seus estudos sobre a abordagem da violência na escola, evidencia que é

preciso primeiramente distinguir “a violência na escola, violência à escola e violência da escola”.

“A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e as atividades da instituição escolar”. (CHARLOT, 2002, P.434). Esse tipo de violência, estaria relacionada ao que se convencionou chamar de violência urbana ou criminal. São atos violentos praticados por estudantes ou pessoas que não possuem vínculo com a escola, mas que a escola acaba tornando-se o local dessas práticas violentas. Esse tipo de violência poderia ocorrer em qualquer outro ambiente, mas, por muitas vezes, acontece na própria escola devido a sua localização em periferias ou onde o índice de violência no bairro seja alto, devido também, muitas vezes, o envolvimento dos próprios estudantes com práticas violentas fora da escola, dentre outros motivos; isso faz com que a escola acabe se tornando o cenário dessas práticas violentas, tais como: brigas de gangues, acerto de contas, *bullying*, etc.

Já a violência à escola seria caracterizada pela prática de violência dos estudantes contra a escola e seus gestores, ou seja, “está ligada a natureza e as atividades da instituição escolar” (CHARLOT, 2002, P.434). Nessa categoria se encontram os casos de depredação ao patrimônio, pichações, quebra de cadeiras e grades, atos de vandalismo, etc.

Em relação à violência da escola, caracteriza-se pela prática violenta da própria instituição escolar, como forma de imposição autoritária para com seus estudantes. Ocorre, muitas vezes, através da violência simbólica, sujeitando os seus estudantes a algo que a instituição dita como regra, normas, etc., de forma autoritária e por vezes repressiva. De acordo com Charlot (2002), essa categoria se caracteriza pelo uso da violência institucional e simbólica e pelo modo como os agentes da escola tratam os estudantes.

Contudo, para Charlot (2002), a violência escolar não é um fenômeno novo, como muitos pesquisadores afirmam, mas é um fenômeno que se modifica ao longo do tempo e que na atualidade vem ganhando novas formas e motivações. Para compreendê-la melhor é necessário buscar suas fontes na tensão social e escolar. As fontes de tensão social estão relacionadas com os problemas sociais cujos estudantes são as vítimas e que assim, acabam interferindo no seu êxito escolar. Já as fontes de tensão escolar são as práticas da própria instituição escolar; como elas se exercem, o que os estudantes esperam da escola, e como eles a veem. Na

grande maioria das vezes, ambas as fontes de tensão, estão ligadas ao ambiente em que a escola se localiza. Principalmente, quando é em comunidades das periferias, localidades onde os jovens possam viver em situações de vulnerabilidade social e os índices de violência criminal e desemprego são altos, assim como brigas entre comunidades rivais e disputas por territórios de narcotráfico e discriminação são banalizados e tidos como comum, dentre outros motivos. Isso acaba interferindo diretamente ou indiretamente na vida dos estudantes, refletindo no seu rendimento escolar e, principalmente, no seu comportamento dentro da escola. Sobre isso Sousa (2008, P.26) afirma que,

Dos muitos fatores que envolvem esta questão, possuem dois sentidos, pois se por um lado às ações praticadas pelo aluno, no espaço escolar, ultrapassam o que se considera socialmente aceitável, por outro lado, compreende-se que estas atitudes têm suas origens na própria realidade vivenciada pelo indivíduo, como uma resposta, em alguns casos às muitas opressões e violências vividas por ele.

Para Charlot (2002), para compreender o fenômeno da violência escolar é necessário entender os motivos dessas tensões social e escolar. Concordando com esse ponto de vista de Charlot, Sousa (2008) afirma ser necessário compreender os fatores que envolvem a violência e que estão ligados diretamente a realidade social dos estudantes. Para isso seria necessário primeiramente, buscar uma compreensão da realidade social dos estudantes e somente assim, será possível entender a origem da violência, que pode refletir no comportamento dos mesmos no interior do ambiente escolar.

Ainda para uma melhor compreensão sobre o comportamento violento dos estudantes, Sousa (2008, P.126) afirma que “o indivíduo que possui comportamentos agressivos na escola, muitas vezes sofre ou presencia atos de violência, pois geralmente está cercado por instrumentos e situações que remetem à violência”. Com isso, percebe-se a necessidade de buscar as causas além do que acontece na escola, sobretudo, a experiência de vida que os estudantes possuem, seja do ambiente familiar ou comunitário.

Há muitas situações que esses estudantes podem ter vivenciado e que podem afetá-los, situações que remetem à privação afetiva, abandono, etc.; que também são tipos de violência. Essa discussão faz ainda pensar sobre a inversão de valores com relação ao papel da escola, pois “atualmente, as famílias têm transferido a

responsabilidade da educação dos seus filhos para a escola, distorcendo e descaracterizando a função da mesma” (SOUSA, 2008, P.126). Quando isso acontece, torna-se ainda mais difícil para a escola combater o problema em questão, pois para combatê-lo é necessário não só a cooperação da escola e de seus gestores, mas essencialmente o apoio da família e da comunidade.

3. VIOLÊNCIA NO AMBIENTE INTERNO E EXTERNO DA ESCOLA: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Para compreender melhor as relações da violência presentes na EEFM João Nogueira Jucá foram levadas em consideração os tipos de violência presentes no ambiente interno e externo da escola que mais foram relatadas pelos estudantes na pesquisa de campo, assim como, as suas principais causas e consequências; considerando não apenas a violência na escola, mas a violência da escola e violência à escola. Utilizando como base pesquisas bibliográficas e relatos da pesquisa de campo.

3.1 VIOLÊNCIA URBANA/CRIMINAL

A prática da violência é relatada na história desde os primórdios da humanidade. Na Antiguidade, essas práticas estiveram associadas a barbárie, sobrevivência, etc. Com isso, pesquisadores de várias áreas começaram a estudar de forma mais abrangente a temática da violência. Vários estudiosos, dentre eles os filósofos Marx e Nietzsche, passaram a estudar e debater sobre a violência. Na parte d’*O Capital*, por exemplo, em que desenvolve o tema da ‘Acumulação Primitiva do Capital’, ao falar da suplantação da forma social medieval pelas relações sociais capitalistas, Marx afirma que “A violência é a parteira de toda velha sociedade que traz uma nova em suas entranhas. Ela mesma é uma potência econômica”. (MARX, 2005, P.864).

Na Europa medieval não é difícil encontrar na história relatos de diversas práticas violentas como forma de castigo, punição, disciplina, etc. Durante esse

período, o alto clero da igreja católica e a nobreza detinham o poder político e econômico e as formas de punição tinham por objetivo atingir o corpo do indivíduo que cometesse algum tipo de crime/transgressão contra os preceitos religiosos vigentes.

Michel Foucault em seu livro *Vigiar e Punir* (1987) ressalta o suplício como principal forma de punição e disciplina. No decorrer da primeira parte do livro, o autor relata as formas de punição, como elas eram aplicadas, quais eram os crimes cometidos, etc. Deixando claro que na humanidade sempre existiu práticas da violência, mas assim como houve o fim do suplício e o surgimento da prisão como nova forma de punição aos indivíduos transgressores, a violência também se modificou.

Por muito tempo as pessoas acabaram acreditando que o mundo nunca foi tão violento e até mesmo que a violência não existia e assim acabam tendo uma visão incorreta de que a violência seria apenas algo atual. Será sobre essa violência que desenvolveremos nesse tópico; violência que ao longo do tempo assumiu novas formas e tipologias, mas que ainda está presente no cotidiano da humanidade, principalmente a que ficou conhecida como violência criminal ou urbana, que começou a ser debatida principalmente a partir da década de 1980.

Para Minayo (2006), a violência criminal (ou urbana – utilizada por outros autores) é a violência que atinge diretamente as pessoas por meio de agressão física, por meio de atentados a vida dos indivíduos ou o roubo/extorsão de seus bens. Nesse contexto, também se qualifica a criminalidade cotidiana, os delitos frequentes na sociedade brasileira, e também na mídia, como por exemplo: assaltos, narcotráfico, exploração do trabalho infantil etc. Esse tipo de violência foi relatado com frequência nas entrevistas e no questionário que os estudantes participantes da pesquisa de campo responderam.

Para melhor compreender a violência urbana (ou criminal) é necessário entender que ela é fortemente caracterizada pelo sujeito que a utiliza, chamado usualmente de criminoso ou marginal. O indivíduo assim chamado, trata-se de um sujeito transgressor de regras impostas pela sociedade e principalmente pelas normas penais determinadas pelo Estado. São diversos os fatores que podem levar esse sujeito a ter esse tipo de comportamento transgressor, mas regularmente esse sujeito utiliza da violência como um meio.

Essa criminalidade urbana é algo global. Nos países capitalistas, a criminalidade está geralmente ligada à relação entre capital e trabalho, na qual os detentores do grande capital, uma parcela ínfima da sociedade, ficam com a maior parte da produção social, enquanto as maiores partes, a dos trabalhadores, dividem uma pequena parcela da riqueza social. Essa distribuição é fonte da desigualdade social que condena à maior parte da população mundial a viver com um mínimo de condições materiais para prover a sua sobrevivência humana. A limitação de acesso às condições materiais se manifesta, igualmente, na limitação do desenvolvimento formativo. Problemas de formação (escolar, familiar, social), cuja base é a desigualdade social podem levar, por sua vez, o indivíduo a não se encaixar nos padrões sociais impostos pelo mercado, a mercantilização da vida, que é ela mesma a causa dos problemas de formação. Os indivíduos, desse modo, não se adaptam ao processo de trabalho e, portanto, acabam sendo excluídos do mercado de trabalho. Assim como há grandes índices de desemprego, falta de assistência e políticas sociais, dentre outros. Ainda existe a hierarquia social, que estabelece status dentro da sociedade, e com o apoio e grande divulgação da mídia, por vezes acaba levando o indivíduo a querer pertencer a determinados status, ou possuir bens, dos quais sem pertencer a determinados status os indivíduos não conseguiriam.

A violência urbana pode ser resultado de diversos fatores, dentre eles, a exploração da mão-de-obra, ou o desemprego, que pode acarretar na migração ou concentração de superpopulações em áreas de risco, ou locais de periferia. A consolidação do capitalismo que é representada pelas relações de dominação de uma classe sobre a outra, acaba intensificando os conflitos no interior da classe dominada, pois os diversos agentes não conseguem empregos, educação, saúde, segurança, etc., comparados com outros indivíduos da mesma classe, que consegue, por vários motivos socioeconômicos, inserção no mercado de trabalho. Tudo isso implica na geração de desigualdades e pobreza, tanto em relação a classe dos capitalistas como em relação à própria classe dos trabalhadores, isto é, nos diferentes níveis sociais. Existindo também como forma de manipulação e controle das massas pela classe dominante, a participação da mídia, utilizada como controle e alienação social.

A violência urbana se desenvolve de acordo com a organização e consolidação de grupos criminosos, como gangs, bandos, quadrilhas, etc.; como também dos meios de tecnologias que os mesmos utilizam, como armas, transportes, etc.

Os jovens, por estarem passando pelo processo de formação, quando não possuem atenção e nem orientação devida, seja por parte da família, escola, ou Estado, acabam procurando essa orientação e referências no meio em que estão inseridos, sobre isso ROSA (2010, P.150), afirma que:

Em busca de um referencial, é na adolescência, período de grandes transformações que o jovem busca novos modelos para sua identidade adulta. Nessa fase ele se torna sensível e vulnerável as influências do meio sejam elas construtivas ou destrutivas. O aumento cada vez mais significativo dos vários tipos de violência tornam os jovens vítimas e agentes ao mesmo tempo. Se a sociedade tiver interesse em diminuir e até suprir a violência deve promover análises mais aprofundadas, compreender os processos pelos quais ela corre na escola, uma vez que este é um dos espaços onde os jovens mais convivem.

A escola João Nogueira Jucá escolhida para a pesquisa deste trabalho, está localizada no centro de um bairro que abrange cerca de mais de 5 comunidades. De acordo com os relatos dos próprios estudantes, eles(as) são afetados diretamente ou indiretamente pela violência urbana que acontece na escola ou nas suas proximidades e que, na maioria das vezes, acontece por questões de rivalidade; disputa por territórios de narcotráfico entre as comunidades.

Os estudantes participantes afirmam que esse tipo de disputa territorial interfere no seu cotidiano escolar, tendo em vista que alguns desses estudantes já foram impedidos de se locomoverem de uma comunidade para a outra. Mesmo os estudantes que não estão envolvidos com o narcotráfico, tornam-se sujeitos a agressões, tanto físicas como psicológicas, como formas de repressão apenas pelo simples fato dos estudantes transitarem de uma comunidade para outra, seja para realizar atividades cotidianas, como ir para a escola ou trabalhar, seja para atividades de lazer, como sair com a família, passear, etc.; Como ressaltou um estudante em uma das entrevistas: “eles nos ameaçam apenas porque moramos numa comunidade diferente, e assim acabamos nos tornando seus inimigos”.²

² Estudante 01 de 21 anos que participou do grupo focal e respondeu aos questionários, mas que para a preservação da sua imagem e segurança, não será utilizado seu nome verdadeiro. Referindo-se aos indivíduos responsáveis pela manutenção do tráfico em cada comunidade, que criam inimizades entre si, pela disputa de território e pontos de vendas.

Alguns estudantes entrevistados ressaltaram ainda, que já foram ameaçados de morte mais de uma vez por se deslocarem para a escola dentro de comunidades as quais não pertenciam; ainda de acordo com o relato desses mesmos estudantes, foi possível observar que esse tipo de ameaça é mais comum aos estudantes do sexo masculino.

O mesmo estudante citado acima ainda afirma que por muito tempo sempre que passava em uma determinada localidade no caminho da escola, algumas pessoas (possivelmente envolvidas com venda de drogas), costumavam perguntar o que ele fazia ali naquele local, e que ele não deveria estar lá. O estudante afirma ainda que: “Eu sempre dizia que estava indo para a escola, e mesmo estando fardado, eles pareciam não acreditar, e diziam que um garoto da comunidade vizinha não deveria ir para a escola da comunidade a qual não pertencia, e que andar num território a qual não pertence poderia colocar minha vida em risco”.³

Percebe-se assim, que esses estudantes sofrem com o reflexo social da violência criminal/urbana na escola EEFM João Nogueira Jucá. Consecutivamente, a escola como instituição também acaba sofrendo com esses reflexos da violência externa quando, por exemplo, surgem conflitos entre estudantes que pertencem a comunidades diferentes, pois vários dos estudantes entrevistados afirmam terem presenciado pelo menos uma vez durante o ano letivo, brigas entre estudantes que pertenciam a comunidades diferentes, ou, estudantes que mudaram de turno para evitar essas brigas, dentre outros casos.

A violência na escola pode ocorrer pelos mais diversos motivos e dos mais diferentes tipos, dentre eles a violência criminal/urbana que pode ter ligação ou não com os estudantes, mas que a escola ou seus arredores acabam se tornando o local dessa prática. O *bullying* é outro tipo de violência bastante comum no ambiente escolar; o abordaremos a seguir.

³ Estudante 01 de 21 anos que participou do grupo focal e respondeu aos questionários, mas que para a preservação da sua imagem e segurança, não será utilizado seu nome verdadeiro. Referindo-se aos indivíduos responsáveis pela manutenção do tráfico em cada comunidade, que criam inimizades entre si, pela disputa de território e pontos de vendas.

3.2 “*BULLYING*” NÃO É BRINCADEIRA

Um dos exemplos de violência na escola de natureza física e psicológica, que pode ser interpessoal ou coletiva, que tem sido bastante pesquisado na última década e que vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões no campo da educação, é o *bullying*. Caracterizado também por ser um tipo de comportamento agressivo entre estudantes, principalmente adolescentes, que envolve diversos fatores sociais, culturais e ideológicos, etc., e que também reflete diretamente no comportamento dos estudantes, o *bullying*, que será analisado nesse trabalho para melhor compreender a violência na escola.

A partir da década de 1990 as pesquisas relacionadas à violência no ambiente escolar se depararam com um novo conceito para intimidações que ocorrem entre estudantes ou grupos de estudantes dentro da escola, que ficou conhecido como *bullying*. Esse termo, é proveniente do verbo em inglês “*to bully*”, que significa oprimir/intimidar.

A ocorrência do *bullying* no ambiente escolar é resultante de comportamentos repetitivos e de forma intencional. Caracterizado pela agressividade e na maioria dos casos, praticados por estudantes que possuem atitudes persistentes e podem de alguma forma sentir-se superior a outro(s), por isso, sentem-se no direito de intimidar ou controlar os que a ele(s) estariam inferior(es), assim como, esse tipo de estudante geralmente possui dificuldades em aceitar as diferenças (sociais, culturais, religiosas, etc.) entre as pessoas. O papel da escola em fornecer informações sobre esse tipo de comportamento e de tomar medidas preventivas é de suma importância para evitar que os estudantes pratiquem ou sejam vítimas do *bullying*. Sobre isso Monteiro (2008 apud Schultz *et al*, 2012, P. 249) afirma que:

A escola que afirma não ocorrer o bullying é provavelmente aquela onde há mais incidência dessa prática, pois nada é feito para preveni-la e reprimi-la. Alguns alunos testemunhas de bullying, quando percebem que o comportamento agressivo não acarreta nenhuma consequência a quem o pratica, poderão também passar a adotá-lo.

Em tese, as crianças e adolescentes que frequentam a escola, deveriam estar seguros e aprender a conviver em sociedade através de relações de respeito e

companheirismo. Portanto, a escola tem um papel fundamental na identificação do *bullying* e na sua prevenção.

Esse comportamento envolve um complexo sistema de relações, portanto é necessário “considerar os vários sistemas envolvidos na situação emergente: o alvo, o autor, as testemunhas, a(s) turma(s), envolvida(s), o/a(s) professores(as), a escola, as famílias dos envolvidos, a comunidade à qual pertence a escola, a cultura na qual estão inseridos, as regras, os valores, e outros fatores”. (Schultz *et al* (2012), P.250).

Um dos estudantes participantes da pesquisa de campo relata:

Desde pequeno sempre tive problemas na escola por causa desses apelidos maldosos, como: pretinho, neguinho, preto velho, etc. quase sempre na sala de aula ou nos corredores da escola; geralmente pelo mesmo grupinho de valentões, que gostam de perseguir certos alunos, que assim, sejam meio diferentes, tipo, mais gordinhos, ou mais altos, ou usa óculos, essas coisas.⁴

Percebe-se que o *bullying* não é algo incomum no ambiente escolar e isso pode resultar em inúmeros transtornos; tanto na escola quanto para a família, e, principalmente no convívio entre os estudantes.

As vítimas do *bullying* podem sofrer sérias mudanças, principalmente referente ao comportamento e ao convívio social. Esse ato de intimidação ou de comportamento agressivo entre estudantes ou grupos de estudantes, geralmente está ligado à violência simbólica, mas, também não são raros os casos que resultam em violência física. De acordo Schultz *et al* (2012), entre os comportamento caracterizados pelo *bullying* estão: agressões de cunho físico (chutar, beliscar, etc.), verbal (apelidos pejorativos e xingamentos), sexual (abuso, assédio, etc.), psicológico (perseguir, intimidar, etc.), material (furtar, quebrar, etc.), virtual (*cyber bulling*, por meio da internet e redes sociais, etc.).

Algumas pesquisas sobre o *bullying* apontam diversas motivações, mas principalmente as relacionadas à gênero, orientação sexual, homofobia, racismo, distinção religiosa e social, violência contra pessoas com deficiência, dentre outros. Isso pode estar relacionado a um modelo cultural, que integra a sociedade brasileira, de intolerância (s) e desrespeito às diferenças (sociais, religiosas, culturais e de

⁴ Estudante 01 de 21 anos que participou do grupo focal e respondeu aos questionários, mas que para a preservação da sua imagem e segurança, não será utilizado seu nome verdadeiro.

gênero). É possível verificar essas motivações em alguns relatos da pesquisa, como por exemplo, os de duas estudantes participantes: “As vezes os colegas gostam de tirar brincadeiras de mau gosto devido minha orientação sexual. Utilizam termos como sapatona, só pra me inferiorizar. Às vezes me chateio, as vezes revido, mas no fundo essas palavras me magoam”.⁵ já a outra estudante afirma que: “Os meninos gostam muito de nos inferiorizar, as vezes me chamam de tampinha, baixinha, toco, etc. É até comum na escola as pessoas falarem umas das outras por causa de sua aparência física”.⁶

Apesar disso, muitos pesquisadores como Beaudoin e Taylor (2006, apud Schultz et al, 2012, P.250), sustentam que:

“não se culpa a cultura ou os indivíduos isoladamente (sejam estes agressores, vítimas, pais ou professores), mas se considere a interação entre muitos fatores que contribuem para essa problemática (ainda que involuntariamente) e como esses fatores são sentidos no contexto da vida dos alunos”.

A prática do *bullying* no ambiente escolar é uma das formas de manifestação da violência e pode ser reconhecida no comportamento de todos os envolvidos (vítimas, agressores e testemunhas). Afeta diretamente no desempenho escolar, no comportamento social (nas relações entre os estudantes, familiares, etc.) e psicológico (depressão, aflição, nervosismo, medo, etc.). De acordo com o Observatório da infância (2008), é possível notar as alterações no comportamento dos estudantes vítimas do *bullying* nas seguintes situações, por exemplo:

[...] desculpas para faltar as aulas ou indisposição como dor de cabeça ou de estômago, diarreia e vômitos antes do horário de ir para a escola, solicitação para mudar de sala ou de escola sem apresentar motivos convincentes; desmotivação com os estudos, queda no rendimento escolar ou dificuldades de concentração e de aprendizagem; regresso da escola com humor irritado ou triste, machucado, com as roupas ou materiais escolares sujos ou danificados; aspecto contrariado, deprimido e aflito ou medo de voltar sozinho da escola; dificuldades de se relacionar com os colegas, de fazer amizades; isolamento sem querer contato com outras pessoas que não sejam familiares, etc. (2008, Observatório da infância apud Schultz, 2012, P. 252).

⁵ Estudante de 17 anos, que participou do grupo focal e que respondeu aos questionários, mas que para a preservação da sua imagem e segurança, não será utilizado seu nome verdadeiro.

⁶ Estudante de 17 anos, que participou do grupo focal e que respondeu aos questionários, mas que para a preservação da sua imagem e segurança, não será utilizado seu nome verdadeiro.

Em relação ao comportamento das testemunhas, as principais características estão relacionadas ao medo e à ausência de atitude. Ausência de atitude ao tentar impedir ou buscar ajuda quando se presencia um ato de *bullying*, no qual, na maioria dos casos, a testemunha tem medo de se tornar mais uma vítima, caso isso aconteça. Ainda existem aqueles estudantes que não participam ativamente dos atos de *bullying*, mas que de algum modo acabam apoiando o agressor, seja por status, medo, etc.

Contudo, o *bullying* não é uma manifestação prejudicial apenas ao desenvolvimento das vítimas (alvo) e testemunhas, mas também, do próprio autor (es), que podem possuir concepções errôneas da sociedade em geral, transmitidas de formas equivocadas, baseada em uma educação que não respeita as diferenças, contribuindo e influenciando outros estudantes inadequadamente, tornando comum formas de preconceito, intolerâncias, individualismo, comportamento antissocial, etc. Schultz et al (2012) salienta que para combater o *bullying* é necessário a participação de todos que compõem a escola:

[...] Inicialmente devem ser promovidos meios de informá-la sobre em que o bullying se constitui, como se manifesta e quais são as consequências a curto, médio e longo prazo para cada um dos envolvidos. Por tratar-se de um fenômeno relacional, qualquer estratégia, para ser bem sucedida, deve trabalhar com base nas relações e abranger os diferentes subsistemas da comunidade escolar: alunos, funcionários, educadores, pais e as demais pessoas comprometidas com o desenvolvimento das crianças e adolescentes” (Schultz et al 2012, P.253).

O *bullying* é apenas uma das manifestações da violência na escola. As consequências da violência no ambiente escolar são múltiplas, desde a que atinge aos estudantes diretamente ou indiretamente, aos professores, aos gestores e aos familiares; até às consequências físicas ao prédio da escola e suas instalações. Isso agrava a precariedade no ensino, provocando um abalo nas relações existentes no ambiente escolar e na estrutura institucional e física da escola; assim como o sentimento de insegurança nos estudantes, gestores (as) e funcionários (as), etc. Quando casos de violência ocorrem com bastante frequência, pode acarretar inclusive na prestação de serviços precários e em último caso, no fechamento da escola.

3.3 VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL

Esse tipo de violência está ligado ao processo de manutenção da hierarquização dentro das instituições. Dessa forma, Minayo (2006) afirma que, sejam as regras ou normas, que regem o funcionamento de cada instituição, elas devem obrigatoriamente ser seguidas. Sendo assim, quando as regras/normas de uma escola (como instituição) ou quando os representantes dessa instituição (gestores, funcionários, etc.) de alguma forma violam os direitos individuais ou coletivo dos estudantes, seja, por meio de coerção, violência física ou simbólica, essas regras e seu uso, também podem acabar gerando violência.

A escola deveria ser um espaço de socialização e de produção de saberes, porém, nesse aspecto muitas vezes ela é reprodutora da violência quando despreza os direitos individuais/coletivos e as identidades de cada estudante. Diante disso, Vieira (2008) afirma que “a violência faz parte do cotidiano da escola e da vida social e se respalda na desigualdade existente na sociedade, nas diferenças culturais, nas diferenças da forma de agir e pensar, na forma de assimilar o mundo”. (VIEIRA, 2008, P.11865).

Os estudantes que participaram do grupo focal relataram diversos casos de violência institucional praticada na grande maioria das vezes por parte da gestão atual da escola. Para eles, esse tipo de violência é cometido porque os discentes não teriam voz e, portanto, não seriam assim respeitados por falta de representatividade. A seguir será descrito as principais formas de violência institucional relatada pelos estudantes que participaram da pesquisa.

Os estudantes expressaram que para permitir essa representatividade estudantil, a gestão seria responsável por apresentar diversos empecilhos burocráticos, que quase sempre impossibilita a organização desses estudantes. Com isso, alguns estudantes relataram que ficam desmotivados a continuarem seus estudos, pois percebem que a gestão não apoia as mudanças que poderiam melhorar o ambiente escolar e as relações entre os estudantes. Como afirma um dos discentes participantes da pesquisa:

“Sempre que buscamos montar um grêmio estudantil, percebemos a falta de apoio da gestão, que quase sempre diz que nós estudantes não sabemos o

que um grêmio significa, e que nós só queremos mesmo é fazer bagunça e baderna dentro da escola”.⁷

Para os discentes participantes da pesquisa, a formação de um grêmio estudantil seria uma conquista capaz de dar voz aos estudantes e através dele, todas as ideias e projetos de melhoria da escola, das relações entre gestão e estudantes, etc., poderiam ser ouvidos e possivelmente, até realizados.

Outro questionamento desses estudantes são as formas avaliativas da escola. Para alguns discentes, as formas de atividades e de avaliação da escola não os ensinam de verdade, pois eles não sabem aonde aplicarão o que aprendem quando saírem da escola. Os estudantes acreditam que isso é necessário apenas para que eles possam passar de ano e consecutivamente, concluam o ensino médio; para que possam assim, no mínimo, conseguir um emprego. Eles alegam que a escola não os incentivam a buscar uma continuidade nos estudos, não dispendo de nenhum suporte para isso. Como afirma um estudante:

“Muitos de nós gostaríamos de cursar uma universidade, mas a maioria não se sente preparado para um vestibular ou Enem. Particularmente eu acredito que o que aprendemos na escola não é suficiente para isso; e acredito que assim, as nossas chances são pequenas, por termos pouca estrutura. Talvez se tivéssemos um preparo maior como um cursinho gratuito, material didático melhor, essas coisas, pudéssemos conseguir algo. O triste da nossa realidade é que quase todo mundo que vai terminar o terceiro ano agora, não sabem nem o que vão fazer”.⁸

A maioria, portanto, descredita na possibilidade de ter acesso ao ensino superior. Para eles, na grande maioria das vezes, a própria escola desanima os seus estudantes, com isso, o aprendizado acontece apenas de forma impositiva e obrigatória sem um sentido maior que os preparem para a vida fora da escola.

Sobre um fator também muito presente no cotidiano escolar; a indisciplina, de acordo com a pesquisa realizada para este trabalho, quase todos os estudantes que apresentaram esse tipo de comportamento são provenientes de contextos familiares deturbados, ou até mesmo da ausência de uma família; e possuem uma situação

⁷ Estudante 05 de 17 anos que participou do grupo focal e que respondeu aos questionários, mas que para a preservação da sua imagem e segurança, não será utilizado seu nome verdadeiro.

⁸ Estudante que participou do grupo focal e que respondeu aos questionários, mas que para a preservação da sua imagem e segurança, não será utilizado seu nome verdadeiro.

socioeconômica vulnerável e não contam com ajuda ou auxílio algum por parte do Estado.

Os estudantes que possuem dificuldade para cumprir as ordens e regras da escola pesquisada recebem algumas formas de punição. Para os discentes entrevistados, na maioria das vezes essas formas de punição são extremamente arbitrárias e eles não possuem formas de defesa, ou ainda, alegam que não existe uma relação de diálogo.

Os discentes relatam ainda que, a gestão nem sempre está interessada em resolver os problemas de relacionamento e comportamento dos estudantes; por não buscar soluções alternativas, pois se preocupa apenas em manter a ordem de forma hierárquica e rígida. Essa falta de diálogo faz com que os estudantes tenham apenas uma relação de medo e de insegurança, pois quando precisam de ajuda na escola, eles afirmam que não conseguem superar essa barreira que os limitam a buscar uma solução diante da gestão ou de professores(as).

Os estudantes relatam que a forma de punição mais aplicada e que eles têm conhecimento são as ocorrências⁹. Ainda de acordo com os discentes, quando essas ocorrências são acumuladas ao longo do tempo e a escola não consegue mais mediar soluções para o estudante indisciplinado (a), recorre a suspensão e em casos mais graves, a expulsão.

Para os estudantes participantes do grupo focal, essas medidas na grande maioria dos casos são desnecessárias e também exageradas, pois não resolvem a causa dos problemas enfrentados por esses estudantes, e principalmente, a gestão nem sempre busca compreendê-los antes de aplicar as punições, ou seja, elas funcionam quase sempre de forma impositiva e autoritária, já que os discentes afirmam que quase sempre quando recebem essas punições, não são ouvidos.

O desrespeito as diferenças é outra forma de violência institucional, presente nessa escola pesquisada. De acordo com os estudantes participantes da pesquisa, os discentes que possuem necessidade de educação especial (NEE) dificilmente são encontrados na escola. Para eles, isso não é decorrência da falta de demanda, mas sim, da falta de preparo da escola em geral, ou seja, desde a preparação da

⁹ Ocorrência: nomenclatura utilizada para uma forma punitiva da EEFM João Nogueira Jucá, utilizada quando o estudante comete algum ato indisciplinar, que não seja considerado grave, ele assina um livro de ocorrência. Quando o aluno já possui muitas ocorrências, ou dependendo do nível da sua ocorrência, é necessária a presença dos responsáveis, para que o mesmo possa voltar a assistir as aulas. E em últimos casos, considerados os mais graves, o aluno (a) pode ser suspenso. A suspensão também varia de acordo com o nível de ocorrências que os alunos (as) possuem e ainda da gravidade delas, que podem levar poucos dias e até meses.

gestão e dos funcionários, até a própria estrutura física da escola. Os discentes participantes da pesquisa alegam que sua escola não possui acessibilidade para estudantes que possuam algum tipo de deficiência ou que necessitem de algum cuidado especial. Eles citam como exemplo a existência de um elevador (FOTO 1) que nunca viram funcionar, e que acreditam que existe desde 2002, ano em que a escola foi fundada. Isso implica, por exemplo, a não inclusão de estudantes cadeirantes ou portadores de (NEE), pois a escola é dividida em andar térreo e primeiro andar, composta por 10 salas de aula, sendo 08 no primeiro andar e apenas 02 no andar térreo.

FOTO 1



Foto 01: Elevador sem funcionamento. Fonte: Pesquisa de campo da autora.

Os jovens estão em formação e possuem culturas, personalidades, crenças, hábitos, costumes, necessidades, etc., diferentes. Quando a escola e seus profissionais não estão preparados para lidarem com essas diferenças eles acabam impondo regras que igualem esses estudantes nas formas de punição.

Quando essas punições acontecem de forma autoritária e impositiva a escola acaba reproduzindo a violência institucional. Um exemplo está na afirmação de um estudante participante da pesquisa:

“Já houve dias em que por não está com o fardamento completo, não permitiram minha entrada em sala de aula. Fiquei chateado, mas não pelo fato de não ter assistido aula, mas pelo modo que falaram comigo (gritando), e por nem se quer terem me ouvido, pois a gestão não se importou em saber o porquê de eu estar sem o fardamento completo. Sei que estava errado, mas não esperava perder minha aula por uma coisa dessas. E sei que isso não aconteceu apenas comigo”.¹⁰

Os estudantes ainda relataram que, para eles, o auge do despreparo da escola e de seus gestores está nas expulsões, pois geralmente ela acontece quando a escola não consegue mais mediar as transgressões dos estudantes indisciplinados e, então, a única solução restante para eles é a expulsão. O estudante expulso recebe apenas outras escolas como alternativas, ou seja, a escola ao qual ele pertencia repassa a responsabilidade do problema que não foi resolvido para outra escola. E assim o estudante continua sem o atendimento e acompanhamento necessário para reintroduzi-lo na escola.

Para compreender esses estudantes que praticam atos de indisciplina (quebra de normas e regras) e buscar resolver as situações que isso pode remeter, Rutter (1996 apud Vieira, 2008) afirma que são necessários cinco pontos estratégicos para buscar uma solução que não desrespeite o estudante. A primeira é uma parceria da escola com os pais. Se a família possibilita de alguma forma influência negativa ao estudante é necessário o segundo ponto: buscar reduzir essa influência. A terceira visa tornar a escola um ambiente agradável buscando a promoção da autoconfiança nos estudantes; a quarta se alicerça na criação de projetos que proporcionem aos estudantes possibilidades de estudo, que os ajudem na obtenção de um trabalho ou no acesso ao ensino superior, ou seja, projetos que possibilitem os estudantes a se projetar no mundo quando eles saírem do ensino médio, e a quinta é valorizar os pontos positivos desses estudantes mesmo que eles já tenham apresentado em algum momento pontos negativos.

Contudo, é necessário respeitar as diferenças de cada estudante, portanto se faz necessário ouvi-los na construção das regras, normas e atividade da escola,

¹⁰ Estudante de 17 anos, que participou do grupo focal e que respondeu aos questionários, mas que para a preservação da sua imagem e segurança, não será utilizado seu nome verdadeiro.

para que eles possam assim possuir confiança e segurança na gestão e no ambiente escolar. Com isso, eles poderão se desenvolver melhor e, através da confiança, buscar soluções junto à escola para o problema da violência, do *bullying*, da desistência, da evasão, etc. Para esses estudantes a maior barreira entre eles e os problemas que enfrentam (principalmente relacionados à violência de todos os tipos) é a falta de apoio e de respeito às suas necessidades e diferenças, principalmente por parte da escola.

Para os estudantes participantes da pesquisa da EEFM João Nogueira Jucá, a utilização da violência institucional tratada nesse tópico é realizada através da violência simbólica/moral que é aplicada principalmente pela gestão e, ainda, por parte de alguns professores (as).

3.4 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA/MORAL

A violência simbólica é aquela que surge numa interação de comunicação, quando o sujeito tem intenção ou não de mostrar seu posicionamento sobre determinado assunto, impondo algo pré-definido por uma cultura dominante, isso pode resultar em intimidação, discriminação, danos morais, etc. Sobre isso Souza L. (2012, P.31) afirma que:

O uso da violência simbólica é dirigido por um indivíduo, ou grupo, que controla o poder simbólico sobre os outros, fabricando crenças no processo de socialização, induzindo os dominados a enxergarem e a avaliarem o mundo de acordo com os critérios e padrões definidos pelos dominantes. Neste caso, como o Estado é facilitador das classes dominantes, suas ações para a melhoria ou não das condições das escolas públicas, em âmbito geral, vai depender dos interesses desta classe dominante.

Para compreender o contexto da realidade dos estudantes da escola João Nogueira Jucá, será utilizado nesse tópico da pesquisa uma análise reflexiva através da perspectiva de Pierre Bourdieu em seu livro "*O poder simbólico*" (1989), no qual a violência simbólica pode ser identificada como uma forma de imposição dita como legítima por parte da gestão escolar e do Estado, onde os estudantes recebem um ensino voltado a reprodução da cultura dominante e, com isso, fica evidente o contraste das desigualdades sociais e escolares existentes.

A escola pesquisada é uma escola da rede pública, portanto, gratuita e garantida legitimamente pelo Estado, e mesmo assim, nela existe uma reprodução dos valores e ideais de uma classe dominante; isso ocasiona uma forte reprodução das desigualdades sociais, econômicas e culturais. Para Pierre Bourdieu, isso pode ocorrer porque as escolas valorizam e exigem de seus estudantes qualidades que são distribuídas nas classes sociais de formas desiguais. Com isso, os estudantes da escola pública não possuem acesso a um capital cultural¹¹ amplo como os da rede privada, ou seja, eles tem pouco ou quase nenhum acesso a uma formação cultural e educacional que ocorram fora da escola. Contudo, os estudantes que, de certa forma estão naturalizados ou acostumados com essas formas de aprendizagem e possuem uma formação cultural fora da escola sempre terão vantagens ou estarão socializados no que Bourdieu chama de “cultura legítima”, distanciando-se cada vez mais da realidade da maioria das escolas públicas no Brasil.

Os estudantes participantes relataram que a escola como instituição, muitas vezes, acaba sendo reprodutora de situações de conflito, principalmente a parte da gestão:

“Quando vamos para a sala da direção, ou até mesmo quando a gestão nos chama a atenção na frente dos colegas, por termos feito algo, como brigas, discussões em sala, essas coisas; percebemos que a gestão nunca resolve esses conflitos, pelo contrário, quase sempre esses conflitos pioram, porque costumam nos tratar com argumento extremamente autoritários, e usam um tom de voz sempre alterado, sempre colocando o aluno no seu devido lugar, de quem não sabe nunca o que é certo. Parece que a escola, e a gestão principalmente, mais se preocupa em ter moral com os alunos, para que nós tenhamos medo de ser punidos, do que resolver os conflitos dos alunos para que não se repitam”.¹²

¹¹ Capital cultural é uma expressão cunhada e utilizada por Bourdieu para analisar situações de classe na sociedade. De uma certa forma o capital cultural serve para caracterizar subculturas de classe ou de setores de classe. Com efeito, uma grande parte da obra de Bourdieu é dedicada à descrição minuciosa da cultura - num sentido amplo de gostos, estilos, valores, estruturas psicológicas, etc. - que decorre das condições de vida específicas das diferentes classes, moldando as suas características e contribuindo para distinguir, por exemplo, a burguesia tradicional da nova pequena burguesia e esta da classe trabalhadora. Entretanto, o capital cultural é mais do que uma subcultura de classe; é tido como um recurso de poder que equivale e se destaca - no duplo sentido de se separar e de ter uma relevância especial - de outros recursos, especialmente, e tendo como referência básica, os recursos econômicos. Daí o termo capital associado ao termo cultura; uma analogia ao poder e ao aspecto utilitário relacionado à posse de determinadas informações, aos gostos e atividades culturais. INFORMARE - Cad Prog Pós-Grado CiInf., v.I, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995

¹² Estudante de 21 anos, que participou do grupo focal e que respondeu aos questionários, mas que para a preservação da sua imagem e segurança, não será utilizado seu nome verdadeiro.

Observando os relatos dos estudantes, percebe-se que nem sempre a gestão parece está apta a resolver as diversas situações de conflitos, principalmente relacionadas à violência, ao bullying, às brigas, etc. Com isso, ela acaba sendo a reprodutora da violência, exercendo sobre os seus estudantes uma violência simbólica através do autoritarismo, da imposição e da coerção. Para Bourdieu os interesses pedagógicos escolares seguem a imposição de um monopólio liderado pelo Estado, com o apoio de uma classe dominante. Sobre isso, Souza L.(2012, P.24) afirma:

A violência simbólica parte do princípio de que a cultura simbólica ou sistema simbólico é arbitrário, uma vez que não assenta numa realidade dada como natural, o sistema simbólico de uma determinada cultura é uma concessão social, e sua manutenção é fundamental para a perpetuação de uma determinada sociedade, através de interiorização da cultura por todos os membros da mesma.

De acordo com Boudieu (1989), o sistema de ensino é utilizado como uma forma de controlar uma determinada classe por outra. Sustenta ainda que a cultura da classe dominante é imposta sobre a classe dominada através do comportamento, da linguagem, etc., essas reproduções continuam mantendo esse sistema. Com isso, a escola não apenas reproduz as desigualdades existentes, ela por vezes, acaba legitimando mecanicamente esse comportamento através dessa manutenção da cultura da classe dominante.

Contudo, toda ação pedagógica, (atividade, projetos, aulas, mediação de conflitos, etc.) praticada seja por parte da gestão, ou de professores, entre outros; é imposta através de um poder arbitrário, conseqüentemente utilizado através de uma relação de força sobre os estudantes, essa imposição é uma manutenção da violência simbólica. Os exemplos mais relatados durante a pesquisa foram o abuso de poder, discriminação, imposição autoritária através de agressão verbal, dentre outras. No entanto, por muitas vezes, assim como foi constatado na pesquisa de campo, a maioria dos estudantes não reconhece essa forma de violência, por não perceber que são vítimas desse processo. Alguns estudantes relataram ainda, que essa forma da escola impor algo a eles parece natural e necessária para buscar uma ordem ou disciplina.

A realidade educacional na escola pública no Brasil cumpre sua função dentro de uma sociedade capitalista onde acaba reproduzindo as desigualdades sociais e

culturais existentes. A violência está presente no cotidiano de muitos jovens estudantes de ensino médio no país, seja no ambiente familiar, comunitário, etc., e isso acaba sendo refletido também no ambiente escolar. Com isso, a violência acaba sendo integrada no sistema educacional, seja institucionalmente, simbolicamente, urbana/criminal, etc.

4. VIOLÊNCIA URBANA NA SOCIEDADE BRASILEIRA: UM OLHAR SOBRE AS ESTATÍSTICAS

Para compreender melhor a realidade dos estudantes participantes da pesquisa, faz-se uma breve análise sobre a violência urbana na sociedade brasileira, através do Atlas da violência de 2016, com o objetivo de explicar as principais informações a respeito da relação entre juventude e violência, a partir das taxas de homicídios.

O Atlas (2016) utiliza como fontes de dados, pesquisas sobre homicídios no Brasil, provenientes do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM); fazendo uma análise dos homicídios entre os anos de 2004 e 2014. É dividido em 8 seções, cada uma com temas relacionados a homicídios e violência em geral. Para este trabalho, a quarta e a quinta seção do Atlas (2016) foram as mais relevantes por se referir a violência contra jovens no Brasil.

A partir dessa análise, observou-se que, os jovens (entre 15 e 29 anos) são as principais vítimas de homicídios no Brasil e que, esse índice tem aumentado consideravelmente desde 1980, verificando ainda que “em termos gerais, todos os estados com crescimento superior a 100% nas taxas de homicídios pertencem ao nordeste”. (ATLAS, 2016, P.8). Ainda dentro dessa faixa etária (15 a 29 anos), observou-se que os jovens do sexo masculino, representaram 93,8% do total de homicídios. No que se refere ao Estado do Ceará, notou-se que o número de homicídios na juventude aumentou principalmente entre 2010 e 2014. Percebe-se assim que, a faixa etária pesquisada nesse trabalho se encaixa no perfil mostrado pelo Atlas, e que, portanto, os jovens participantes possuem chances consideráveis de se tornarem parte das estatísticas.

Utilizando o grau de escolaridade como um dos objetos de pesquisa, o Atlas (2016) apresenta que, quanto maior o nível de escolaridade do indivíduo, menores são as chances de serem vítimas de homicídios na juventude. Mostrando assim, a importância de buscar compreender o fenômeno da violência nas escolas e de como os jovens pesquisados podem ser afetados por ela (ou não), para que assim, se possa buscar meios que os ajudem a prosseguir na escola, sem se tornarem alvos da violência, e, portanto, superar as estatísticas. Os dados do Atlas (2016), revelam ainda que, os jovens que tem em média 21 anos (idade que é o pico dos homicídios masculinos no Brasil) e possuem menos de 08 anos de estudos, no período entre 2004 e 2014, possuíam 5,4 vezes mais chances de serem vítimas de homicídio. Com isso, constata-se que a educação e a escola, possuem grande importância na vida dos jovens, pois através dela eles podem ter acesso a melhores condições de vida. Sobre isso Cerqueira e Coelho (2015 apud ATLAS 2016, P.21), mostram que, o grau de instrução dos jovens possui grande influência no número de homicídios:

Estes autores, ao fazer um exercício econométrico com base nos microdados do Censo demográfico do IBGE de 2010 e do SIM, mostraram que, mesmo controlando pela Unidade Federativa de residência, estado civil e idade, as chances de um indivíduo com até sete anos de estudo sofrer homicídio no Brasil são 15,9 vezes maiores do que as de alguém que ingressou no ensino superior, o que demonstra que a educação é um verdadeiro escudo contra os homicídios.

Baseado nas estatísticas do Atlas (2016 apud Cerqueira e Coelho), percebe-se também que os jovens pretos e pardos possuem 147% de chances a mais que os jovens brancos e amarelos de se tornarem vítimas de homicídios. Demonstrando assim, que os jovens autodeclarados como pretos e pardos, estão mais suscetíveis a se tornarem vítimas da violência; esses dados se tornam preocupantes tendo em vista que a maioria dos participantes da pesquisa de campo deste trabalho se declararam como pretos (55%) e pardos (35%).

Contudo, observou-se que, esses dados estavam cada vez mais próximos a realidade da maioria dos participantes da pesquisa de campo, mostrando a importância de compreender quais as relações sociais da violência na vida dos estudantes da EEFM João Nogueira Jucá.

5. CAPITULO II - RESULTADOS DA PESQUISA E AS VOZES DOS ESTUDANTES

Nesse capítulo faz-se uma análise da pesquisa realizada para este trabalho. Inicia-se com a apresentação da metodologia utilizada dialogando com os referenciais teóricos, posteriormente, apresenta-se os resultados obtidos na pesquisa de campo. O principal objetivo desse capítulo é verificar os desdobramentos da violência no ambiente escolar, concluindo com a apresentação de propostas de intervenção para tentar superar a violência no ambiente pesquisado; baseado nas investigações bibliográficas e nos resultados da própria pesquisa de campo.

5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir de visitas a escola João Nogueira Jucá, verificou-se através de conversas com os estudantes dessa instituição que o fenômeno da violência era algo presente não apenas na escola como ambiente físico, mas também fora dela; e isso, eles atribuíram ao fato de sua escola está inserida dentro de um bairro onde existe uma imensa disputa por territórios de tráficos, que acabava por vezes interferindo em seu cotidiano e, portanto, podendo ser prejudicial aos estudos. Devido isso, percebi ali, uma necessidade de compreender melhor a percepção dos estudantes sobre a temática da violência, e entender de que forma eles sentem-se afetados por ela.

Para isso, essa pesquisa foi baseada em visitas periódicas durante os meses de maio e junho de 2016, inicialmente com observação e conhecimento local. A partir daí esse trabalho foi dividido em duas etapas; a primeira foi um grupo focal, com 10 alunos participantes onde ocorreram discussões sobre violência e suas configurações. Já a segunda, foi a distribuição de um questionário feito de perguntas objetivas e subjetivas, do qual 20 estudantes participaram. Todos os dados obtidos nessa pesquisa foram transcritos em um diário de campo.

Os discentes participantes estavam cursando o ensino médio, a maioria (19 estudantes) frequentavam a escola no horário diurno, e apenas um estudante no horário noturno. Durante os meses de maio e junho, esses estudantes estavam acampados na escola, em um movimento de ocupação, em apoio aos protestos

contra as reformas da educação geradas pelo Governo Temer em todo o país. O movimento era contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241/2016, que limita os gastos do Governo Federal por 20 anos e, portanto, poderia retirar recursos direcionados ao setor da educação. Esses estudantes também, reivindicavam amplo debate sobre a reforma do ensino médio proposta pela Medida Provisória (MP) 746/2016, da qual eles eram contra.

A pesquisa apresentada nesse trabalho é fundamentada nos registros transcritos do grupo focal e do questionário. Os resultados obtidos serão apresentados a partir da análise de dados qualitativos e quantitativos.

A principal metodologia adota para este trabalho foi a qualitativa, escolhida principalmente pela sua flexibilidade em coleta de dados (entrevistas, questionários, grupo focal, documentos, arquivos, etc.), que possibilitou a escolha do que melhor se adequou a pesquisa. A intenção foi procurar explicar a realidade social dos agentes pesquisados, através de uma análise de dados, buscando compreender como os estudantes participantes enxergam a violência no ambiente escolar, e, portanto, de como eles sentem-se afetados (ou não) por ela. Outra característica importante oferecida pelo método qualitativo, que pode ser utilizada nesse trabalho, foi o seu caráter descritivo; aplicado de acordo com as possibilidades de diálogo. Sobre essa análise e a interpretação dos dados da pesquisa qualitativa, Minayo *et al* (2011, P.79) afirma que “seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar”. Já o uso da análise quantitativa, faz referência aos dados estatísticos obtidos, necessários para uma melhor compreensão da temática da pesquisa.

O procedimento de análise de dados consistiu em interpretar a relação das tipologias e natureza da violência, baseado na interação entre a pesquisa bibliográfica e a relação entre os sentidos atribuídos a violência pela ótica dos estudantes participantes da pesquisa, assim como, sua possível interferência no cotidiano desses estudantes e na sua vida escolar e comunitária.

O presente trabalho não possui intuito de fornecer generalizações para a escola pesquisada mas, compreender o fenômeno da violência e sua complexidade a partir da percepção dos estudantes participantes.

5.1.1 GRUPO FOCAL

Uma das técnicas de pesquisa utilizada para esse trabalho foi o Grupo Focal; usado para avaliar o impacto da violência no ambiente escolar e na vivência dos estudantes participantes. Não se tratando apenas de um levantamento de dados, mas de gerar conhecimentos necessários para desenvolver propostas de intervenção que possam ajudá-los. Morgam (1997, apud Gondim 2003, P.151), define grupos focais:

Como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. (GONDIM, 2003, P.151)

Complementando essa definição, Veiga & Gondim (2001 apud Gondim 2003, P.151), afirma que, essa técnica “pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos”. (GONDIM, 2003, P.151). Essa técnica possui natureza exploratória e permite uma produção de conteúdo descritivo essencial para a identificação das necessidades do grupo pesquisado. Possibilitando assim, o desenvolvimento de informações sobre os estudantes participantes, que possam auxiliar na compreensão da problemática estudada, visando à busca em possíveis intervenções que possam auxiliar ao combate a violência no âmbito escolar.

O Grupo Focal foi realizado no mês de junho e contou com a participação de 10 estudantes do Ensino Médio, que receberam números de 01 a 10, para preservar suas identidades. Foi utilizado um roteiro de orientação, dividido em seções, que auxiliou no desenvolvimento das discussões a respeito da temática: Violência na Escola e Suas Configurações; que buscou identificar o conhecimento prévio dos participantes sobre o tema, como eles se posicionavam sobre o assunto, em que/como a violência os afetava (ou não), como ela era vista no ambiente escolar, e o que fazer para evita-la na escola. Para isso, o roteiro foi estruturado da seguinte forma:

Roteiro Grupo Focal 1 – Junho, 2016

- I. Tipologia e natureza da Violência; Física, Psicológica, Sexual, Negligencia, Abandono e Privação de Cuidados;
Interpessoal e Coletiva;
- II. Violência na Escola
A violência Urbana e suas implicações na vida estudantil - Opinião dos estudantes sobre o assunto;
Vivências; a violência no bairro da escola; no caminho da escola;
Quais os tipos de violência detectados por eles dentro da Escola;
É preciso falar sobre o *bullying*; suas consequências, e como evitar;
- III. Violência a Escola
Depredação/destruição de patrimônio público - Opinião dos estudantes sobre o assunto;
Vivências e relatos sobre a temática;
- IV. Violência da Escola
Violência Institucional
Normas e Regras; as formas punitivas e a opinião dos estudantes sobre o assunto;
Violência Simbólica
- V. De que forma a violência afeta a vida desses estudantes; como eles percebem isso; se ela interfere, o que pode ser feito e por quem pode ser feito; O papel da Escola;

O grupo foi realizado dentro da Escola pesquisada, durante as atividades de Ocupação no mês de junho. Aconteceu de forma descontraída, e, portanto, não foi utilizado câmeras nem gravadores, para que assim possibilitasse aos participantes mais liberdade para discutir sobre a temática da violência.

Seguindo o roteiro, ao iniciar a I seção do debate acerca da Violência e suas tipologias notou-se que para quase todos os participantes a violência se restringia a agressões de cunho físico e verbal. Como evidência alguns dos relatos, de quando eles foram questionados a respeito do que conhecem sobre violência:

- “Violência deve ser bater, brigar com alguém, essas coisas.” Aluno 01
- “Acho que são brigas, criminalidade, *bullying*, autoritarismo, etc. deve ser tudo que está relacionado com desrespeito, espancamento, xingamento. Acho que é quando machucam as pessoas.” Aluno 05
- “Brigas, espancamento, *bullying*, essas coisas.” Aluno 07
- “Deve ser qualquer tipo de ação que tem intenção de ferir ou fazer mal a alguém.” Aluno10

Percebe-se também consideráveis relatos agregados a violência psicológica e o *bullying*, que seguindo o roteiro, foi discutido na seção II Violência na escola.

Quando questionados pelos tipos de violência que eles identificavam dentro da escola, a maior parte do Grupo destacou a ocorrência do *bullying*, que é compreendido por eles, como uma forma de violência que pode ser física e verbal e que atinge principalmente os estudantes “diferentes” do restante dos colegas; ser mais alto, magro, gordo, usar óculos, etc. Eles ressaltam ainda, que é comum isso acontecer dentro da escola, inclusive em sala de aula. Quando questionados sobre a prática do *bullying*, uma pequena parcela do grupo afirmou já ter praticado contra alguém, enquanto a maior parte afirma que, em algum momento da vida estudantil naquela escola já foi vítima; sobre isso há relatos como:

- “Já sofri *bullying* pela minha aparência sim. Já me apelidaram de gigante, poste, vareta, e outras coisas.” Aluno 07
- “Utilizam termos como sapatona, só para me inferiorizar. Às vezes me chateio, as vezes revido, mas no fundo essas palavras me magoam.” Aluna 03
- “Os meninos gostam muito de nos inferiorizar, as vezes me chamam de tampinha, baixinha, toco, etc.” Aluna 04

Quando questionados a quem recorrer e o que fazer, ao sofrerem esse tipo de violência, o Grupo mostrou que se sentem desamparado pela escola, que fala pouco ou quase nada sobre isso, não havendo assim, por muitos estudantes, algum tipo de conhecimento sobre o que é o *bullying* e os riscos que oferece, e também, por acharem que nenhuma providência vai ser tomada; faltando, portanto, uma

conscientização coletiva a respeito desse problema. Uma parcela dos participantes, afirma preferir recorrer aos pais, para que esses possam ir até a escola reivindicar alguma providência, pois os estudantes alegam não terem credibilidade diante da gestão.

Percebe-se também diante dos relatos que a violência urbana aparenta estar presente no cotidiano desses jovens. Isso é observado ao discorrer sobre os meios de transporte utilizados para se deslocarem até a escola, e constatado que a maioria faz o trajeto a pé. Diante disso o principal fator observado, foi que grande parte do Grupo, não reside na comunidade onde a escola se localiza, o que para eles, proporciona alguns riscos trazidos pela violência urbana que ocorre nas comunidades, e que muitos colegas vivenciaram durante o percurso até a escola. Como no relato de um aluno participante que estudava na escola há 2 anos:

- “Eles nos ameaçam apenas porque moramos numa comunidade diferente, e assim acabamos nos tornando seus inimigos.” Aluno 01
- “Eu sempre dizia que estava indo para a escola, e mesmo estando fardado eles pareciam não acreditar, e diziam que um garoto da comunidade vizinha não deveria ir para a escola da comunidade a qual não pertencia, e que andar num território a qual não pertence poderia colocar minha vida em risco.” Aluno 01

A partir da análise feita sobre os relatos dos participantes em relação a violência no caminho da escola, percebeu-se o fato de que, os estudantes pertencentes a comunidades diferentes da que a escola está localizada, podem ficar expostos, em algum momento de seu trajeto a uma situação de violência. Isso pode ocorrer devido a relatada presença do tráfico e da disputa territorial nas comunidades que abrangem o bairro da escola.

Continuando essa discussão a respeito da violência urbana/criminal no bairro onde a escola está localizada; os participantes afirmaram que no ano de 2016 esse tipo de violência diminuiu consideravelmente e agregaram isso ao ato de “Paz na Sapiroanga”. Explicaram que esse ato foi realizado em 2015 por todas as comunidades que compõem o bairro da Sapiroanga e que através dele todas as comunidades estariam unidas pela paz, contra a criminalidade, assaltos, brigas de grupos criminosos, etc. pondo fim principalmente na disputa de territórios do tráfico.

Segundo os estudantes, antes da implantação deste ato, a circulação de pessoas entre uma comunidade e outra, era um tanto quanto complicada, pois, existia uma forte disputa por esses territórios de tráfico de drogas entre as comunidades, o que as tornavam rivais. E por isso, as pessoas que precisavam se deslocar entre as comunidades cotidianamente (como os estudantes que frequentam a escola pesquisada) afirmavam sentir receio e medo de serem alvos dessa disputa, pois quando se pertencia a uma comunidade, e precisava circular por uma outra comunidade, as pessoas envolvidas com a criminalidade e o tráfico poderiam ver essa circulação como uma afronta ou como falta de respeito a sua autoridade e a delimitação territorial, etc.

Os alunos 01 e 05 afirmam já terem passado por situações perigosas inclusive ameaças de morte apenas por transitarem de suas comunidades para a comunidade da escola:

Já aconteceu comigo, e com alguns amigos meu, de quando estávamos indo para a escola e passar em uma determinada localidade, uns caras nos ameaçarem apenas porque alguns estudantes como eu moramos numa comunidade diferente, e assim acabamos nos tornando seus inimigos, mesmo não sendo, e nunca fui envolvido com o mundo do crime e do tráfico. Eu sempre dizia que estava indo para a escola, e mesmo estando fardado, eles pareciam não acreditar, e diziam que um garoto da comunidade vizinha não deveria ir para a escola da comunidade a qual não pertencia, e que andar num território a qual não pertence poderia colocar minha vida em risco. Uma das vezes em que fui ameaçado, vi o sujeito mostrando a arma, e naquele dia eu achei mesmo que poderia morrer. Acredito que como viram minha farda meus livros, acabaram acreditando em mim, que eu era apenas um estudante e que não tinha envolvimento com essas coisas. (Aluno 01).

No caminho da escola, em uma determinada localidade, fui encostado na parede e me perguntaram para onde eu estava indo, estava fardado e carregando meus livros, e os indivíduos que me abordaram disseram que só iam me deixar passar por que perceberam que eu era mesmo estudante. (Aluno 05).

Percebe-se nesse relato, que os estudantes sofrem com a violência criminal, principalmente através de intimidações feitas por pessoas envolvidas com o tráfico e que buscam a manutenção de seus territórios, portanto, impedir a livre circulação de pessoas que não pertençam a determinada comunidade.

No decorrer da discussão os participantes da pesquisa exemplificam que não são impedidos de passar em determinadas localidades quando estão fardados e carregando seus livros, pois comprovam que vão estudar, mas que quando vão realizar outras atividades como trabalho, lazer, etc. buscam outros caminhos

alternativos, pois possuem receio de não terem como provar que não são envolvidos com tráfico e que estão ali apenas de passagem para realizarem suas atividades cotidianas.

Dos 10 estudantes participantes do grupo focal, apenas os meninos afirmaram ter passado por algum tipo de situação parecida com as relatadas acima. Já as meninas, afirmam nunca terem sido questionadas ou intimidadas, ao realizarem o mesmo percurso que os meninos, o que pode evidenciar a prevalência do sexo masculino no envolvimento com a violência.

Partindo para a Seção III, O Grupo se posicionou contra qualquer ato de vandalismo e depredação de patrimônio e mostraram-se atingidos pela falta de manutenção de determinados locais da escola como banheiros, bebedouros, e a quadra. Os estudantes relatam que é comum encontrar pichações nesses locais e também matérias de uso coletivo quebrados como o bebedouro, por exemplo. Questionados sobre essa prática de violência a maioria do grupo afirma nunca ter feito qualquer tipo de vandalismo contra a escola e serem amplamente contra isso, enquanto uma pequena parcela, afirma já ter pelo menos pichado a escola, em algum momento entre os anos que estudaram nela. Os estudantes completam dizendo que fizeram isso por achar ser algo comum e relatam que isso pode ser encontrado em várias partes da escola:

- “Vejo que a escola é muito suja, pichada, etc. acho que pelos próprios alunos, até eu já fiz. Isso pode ser visto principalmente nos banheiros.” Aluna 04
- “ Já quebrei algumas coisas na escola, acho que todo mundo já passou por isso, vejo a escola toda pichada, principalmente no banheiro e nas portas da sala. Acho que não faz diferença e é até normal aqui.” Aluno 01
- “Nunca fiz, mas vejo muita na escola, principalmente nos banheiros. Acho que é porque é um local onde só os alunos entram, e ninguém da direção ou coordenação veem, sei lá pode ser por isso.” Aluno 02

A maioria dos participantes não concordava com esses atos praticados contra a escola, percebendo nesse momento que para manter o ambiente escolar organizado e sem a predominância desse tipo de violência, talvez fosse necessário repensar as normas e regras da escola. Trazendo para a seção IV, um debate sobre como essas regras são vistas pelos estudantes, e se em algum momento eles se

sentem desrespeitados (ou não) por elas, ocasionando justamente, uma discussão sobre violência institucional e simbólica.

Nessa seção, foi possível perceber através dos relatos que a maior parte dos participantes já sofreram ou presenciaram algum tipo de violência institucional ou simbólica, mas que não a reconheciam como tal por falta de conhecimento sobre o tema.

Os estudantes afirmam que as normas da escola são necessárias para manter a ordem e ao mesmo tempo mostraram sentirem-se insatisfeitos com a forma que elas podem ser impostas. Atribuíram essa insatisfação, a comum falta de diálogo e explicações, por parte da gestão, de alguns professores e funcionários. Alguns desses relatos foram:

- “Acho que violência institucional está relacionada aquilo que a escola pratica com autoritarismo ou com uso de força.” Aluno 01
- “Sempre que buscamos montar um grêmio estudantil, percebemos a falta de apoio da gestão, que quase sempre diz que nós estudantes não sabemos o que um grêmio significa, e que nós só queremos mesmo é fazer bagunça e baderna dentro da escola.” Aluno 05
- “A escola devia ser mais do que regras impostas, devia também ouvir mais seus alunos.” Aluna 04
- “As normas devem ser seguidas para manter uma organização legal da escola, mas quando essas normas são exageradas, e não permitem que os alunos se expliquem, gera conflitos desagradáveis. Tipo receber uma ocorrência por chegar atrasado, sem ser ouvido, sem poder explicar a situação.” Aluno 08
- “A escola tem elevador, mas nunca funcionou. Não vejo alunos cadeirantes, e nem com outros tipos de atenção especial; e acho que a escola nem pode recebe-los, porque aqui não tem estrutura preparada para isso.” Aluna 09

O desrespeito às diferenças é outra forma de violência institucional, presente na escola pesquisada. Foi observado através de relatos, que os discentes que possuem necessidade de educação especial (NEE) dificilmente são encontrados na escola. Os participantes atribuem isso falta de preparo da escola em geral, desde a preparação da gestão e dos funcionários, e principalmente da estrutura física da escola.

Nessa seção, o intuito era compreender a opinião dos participantes; onde em nenhum momento, eles foram induzidos ou apoiados a culpar a gestão, professores e funcionários por algo, mas sim, relatar como eles se sentiam diante das determinadas situações, e no campo da violência simbólica, eles alegam que, a ocorrência de autoritarismo é bastante recorrente dentro da escola:

- “Às vezes, parece que a gestão, professores e funcionários não se importam com a forma que falam com os alunos; parecem também, não se importar com o que pensamos. Me sinto inferiorizado e sem voz.” Aluno 05
- “Costumam nos tratar com argumento extremamente autoritários, e usam um tom de voz sempre alterado, sempre colocando o aluno no seu devido lugar, de quem não sabe nunca o que é certo. As vezes esse tipo de situação me revolta, porque acredito que deveríamos ser mais compreendidos aqui.” Aluno 01

Contudo na última parte da discussão, por meio das respostas dos estudantes participantes, foi possível observar que, a violência urbana faz parte da realidade social das comunidades que eles pertencem, e que a compreendem como o uso de agressões físicas e verbais. Relatam ainda que isso também pode ocorrer dentro da escola, como o *bullying*; mas que também pode ocorrer contra a escola, em forma de depredação do patrimônio. Em ambos os casos, a maioria dos participantes se posicionam contra, por acreditar que isso acarreta em mal-estar entre os estudantes, precariedade nos serviços oferecidos pela escola, e falta de credibilidade perante a gestão. Em casos como o *bullying*, ou violência simbólica, os estudantes preferem recorrer aos pais, por acreditarem que a escola não os ouve como gostariam; atribuindo, a gestão, professores e funcionários, vários casos de uso do autoritarismo. Os participantes ressaltam que, os gestores da escola deveriam ouvi-los e apoiá-los mais, respeitando suas opiniões, e buscando compreendê-los antes de aplicar as medidas punitivas. E, por fim, eles acreditam que a escola deveria buscar os meios necessários para incluir os alunos com necessidades especiais.

O procedimento de análise de dados do Grupo Focal consistiu em interpretar a relação das tipologias e natureza da violência, baseado na interação entre a pesquisa bibliográfica e a relação entre os sentidos atribuídos a violência pela ótica dos estudantes participantes da pesquisa, assim como, sua possível interferência no cotidiano desses estudantes e na sua vida escolar e comunitária, não pretendendo

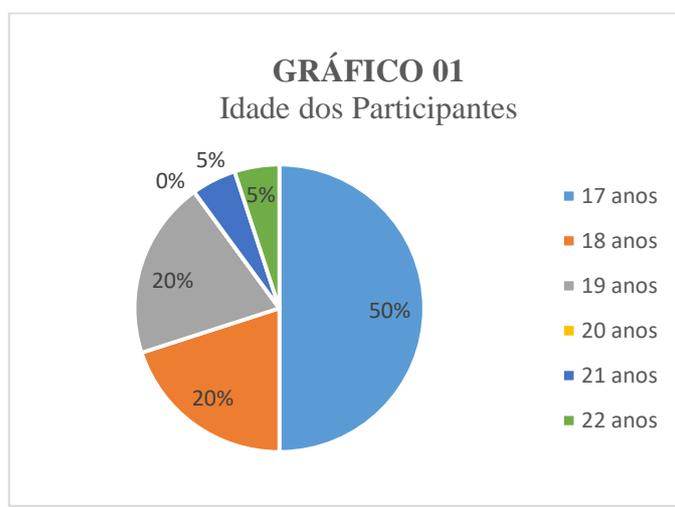
causar generalizações e nem culpar a escola, gestores, professores e funcionários por algo.

5.1.2 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS ESTUDANTES PARTICIPANTES

A outra técnica de pesquisa utilizada nesse trabalho foi o questionário (anexado no final desse capítulo como **anexo 01**), com o intuito de agregar dados estatísticos a presente pesquisa. Foi respondido por 20 estudantes, com perguntas referentes a violência no bairro e na escola, contendo questões estruturadas em abertas e de múltipla escolha, aplicado no mês de junho de 2016.

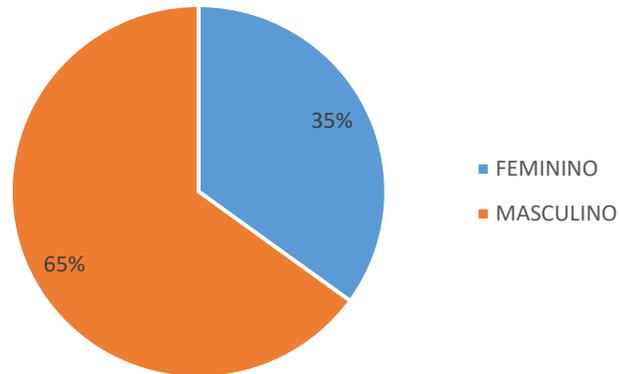
Os resultados obtidos serão apresentados com o auxílio de gráficos, explanados de acordo com as perguntas contidas no questionário. Apresenta-se uma análise descritiva com objetivo de conhecer as características socioeconômicas dos estudantes participantes e caracterizar o que eles atribuem a violência no ambiente escolar e em suas proximidades.

Partindo das informações pessoais dos 20 estudantes participantes, verifica-se que:



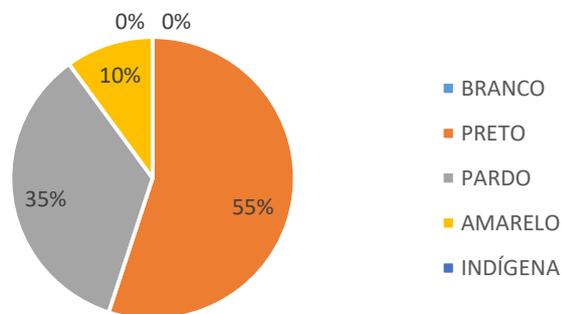
Fonte: Pesquisa de campo da autora.

Gráfico 02
Gênero dos participantes

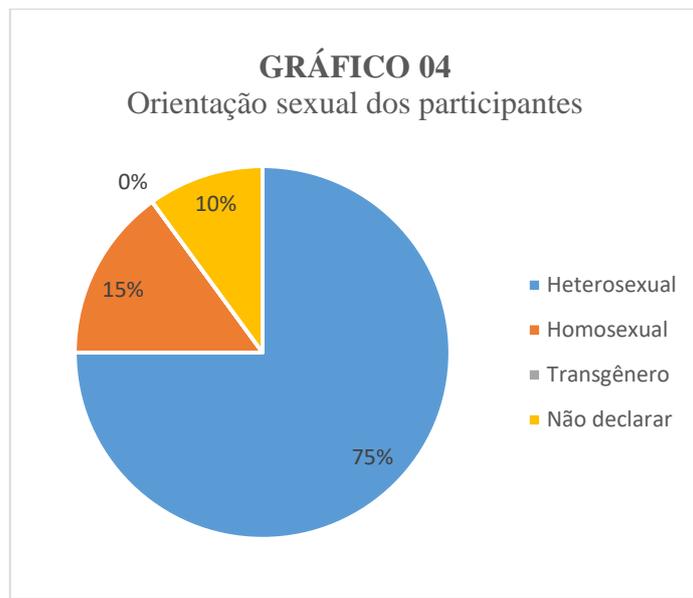


Fonte: Pesquisa de campo da autora.

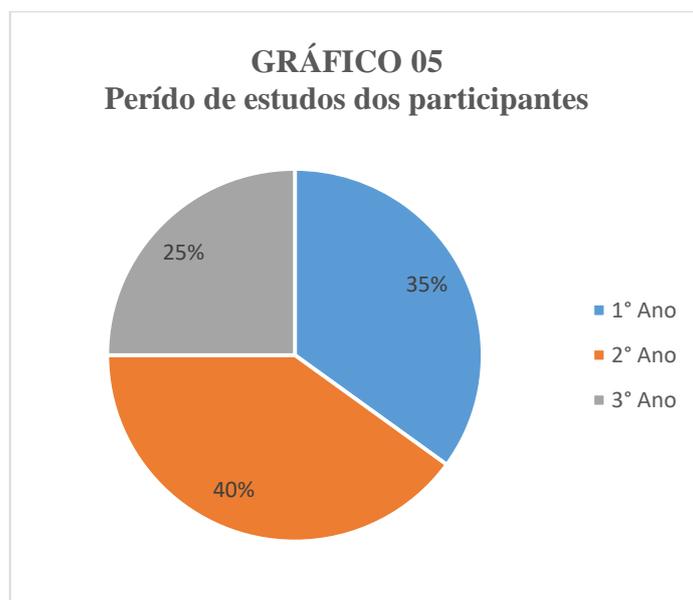
GRÁFICO 03
Etnia dos Participantes



Fonte: Pesquisa de campo da autora.

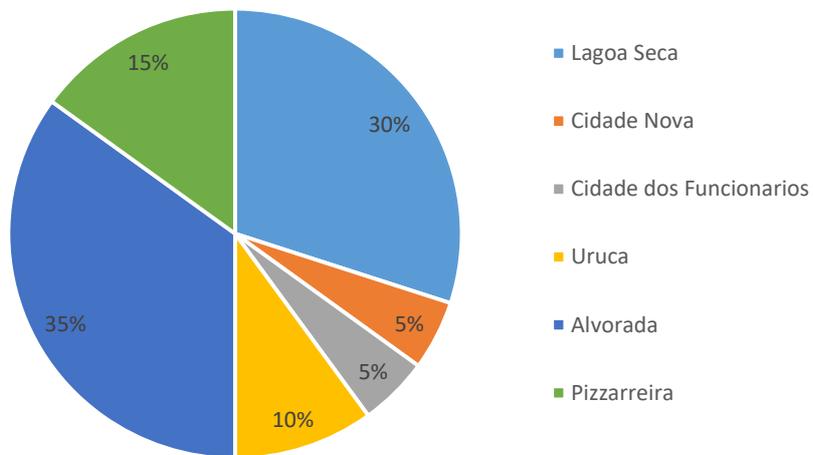


Fonte: Pesquisa de campo da autora.



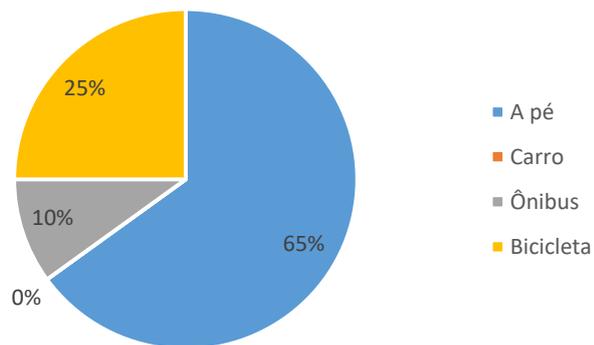
Fonte: Pesquisa de campo da autora.

GRÁFICO 06
Comunidade onde os participantes residem



Fonte: Pesquisa de campo da autora.

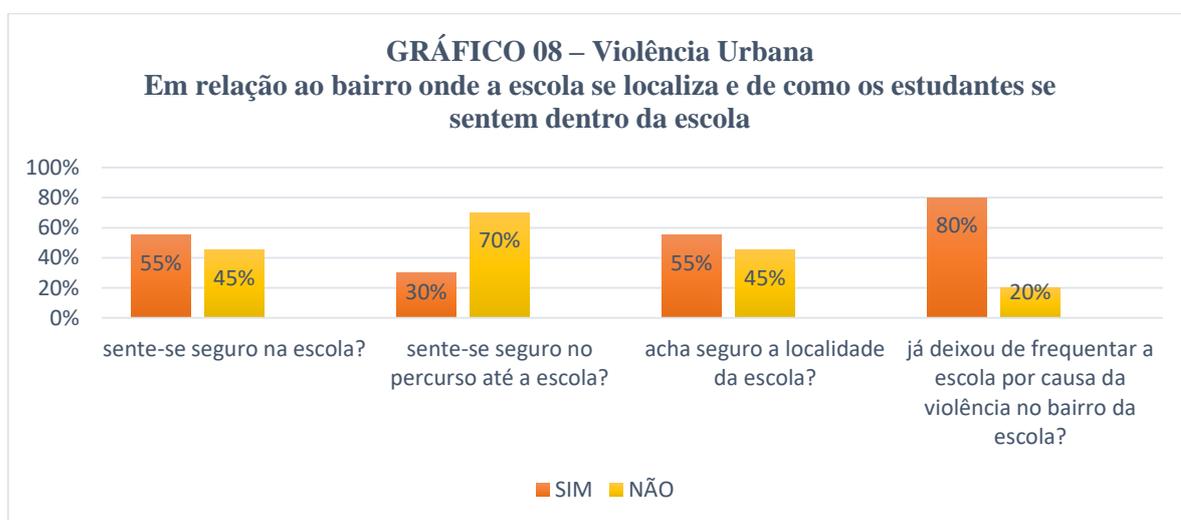
GRÁFICO 07
Os meios de transportes utilizados pelos participantes



Fonte: Pesquisa de campo da autora.

Os estudantes participantes tinham idades entre 17 e 22 anos, com predominância do sexo masculino (65%) e uma minoria do sexo feminino (35%). A maioria deles se declarou como preto (55%) enquanto (35%) como pardo, e os outros (10%) como amarelo. Em relação a orientação sexual, os discentes se reconhecem como: heterossexual (75%), homossexual (15%), e os outros (10%) preferiram não declarar. Todos os estudantes participantes estavam cursando o ensino médio, sendo que: (35%) estavam no 1º ano, (40%) no 2º ano, e (25%) no 3º ano. Em relação a localidade que residem, observou-se que apenas (35%) dos participantes moram na comunidade do Alvorada, onde a escola pesquisada se localiza, enquanto os outros (65%) moram em comunidades distintas. Atribuíram isso, ao fato de a escola pesquisada ser a única de ensino médio próxima a suas comunidades. No que se refere aos meios de transporte utilizados por esses estudantes, para se deslocarem até a escola, observou-se que a maioria faz o trajeto a pé (65%), enquanto (10%) utiliza transporte público, e (25%) faz o trajeto de bicicleta.

Em relação ao bairro onde a escola se localiza e de como os estudantes se sentem dentro dela, foi possível constatar que pouco mais da metade dos participantes se sentem seguros na escola. Entretanto, durante o percurso até a escola esse sentimento de insegurança aumenta, isso é atribuído por eles exatamente pelo fato de que a maioria deles não reside na comunidade onde a escola se localiza, e ficam assim, mais expostos a violência urbana que ocorre nas proximidades da escola. Questionados sobre essa sensação de segurança, os resultados foram os seguintes:

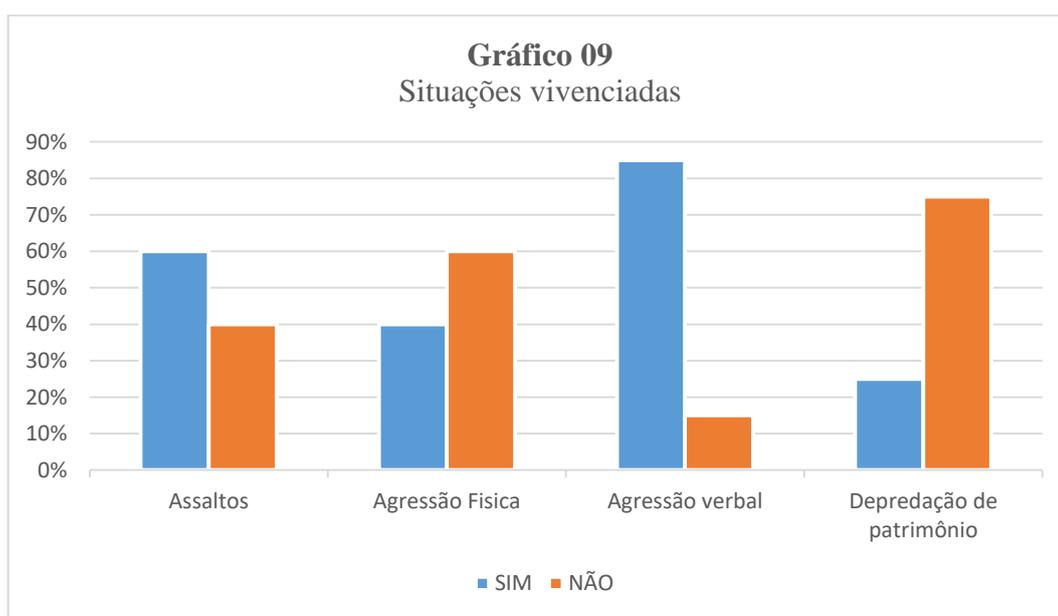


Fonte: Pesquisa de campo da autora.

A maioria dos estudantes (55%) afirmou se sentirem seguros dentro da escola, enquanto (45%) afirmam que não. Já em relação a segurança aos redores da escola, (55%) afirmam que se sentem seguros enquanto (45%) não. Esses dados, juntamente com os relatos do Grupo Focal evidenciam que muitos estudantes mesmo dentro da escola ainda não se sentem protegidos da violência; tanto a violência que ocorre dentro do ambiente escolar como a violência que ocorre fora desse ambiente.

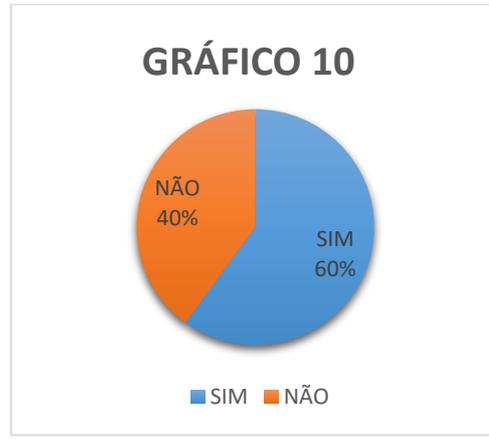
No que diz respeito ao percurso entre a casa dos estudantes até a escola, (30%) afirmaram sentirem-se seguros durante o percurso, enquanto (70%), afirmam que não; ressaltando aí, o sentimento de insegurança desses estudantes durante o percurso até a escola; que está relacionado principalmente, ao fato desses estudantes pertencerem a comunidades distintas da qual a escola se localiza. Contudo, por causa da violência no bairro da escola, (80%) dos estudantes já deixaram de assistir aula alguma vez durante sua vida escolar, enquanto apenas (20%), diz nunca ter passado por isso; isso evidencia que em algum momento a violência pode acabar interferindo no cotidiano desses estudantes.

Sobre as situações vivenciadas por esses estudantes no bairro onde a escola se localiza os resultados foram os seguintes:



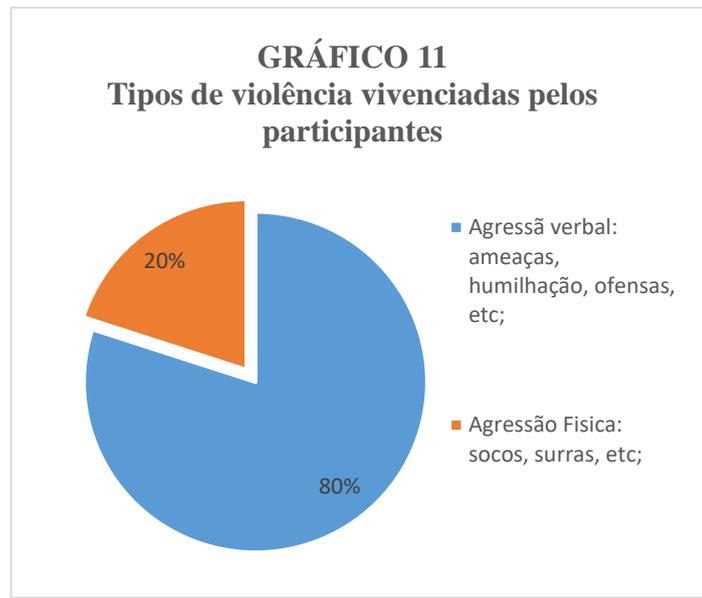
Fonte: Pesquisa de campo da autora.

Questionados se sofreram algum tipo de violência dentro da escola observou-se que (60%) dos estudantes afirmam terem sofrido algum tipo de violência como mostra o gráfico:



Fonte: Pesquisa de campo da autora.

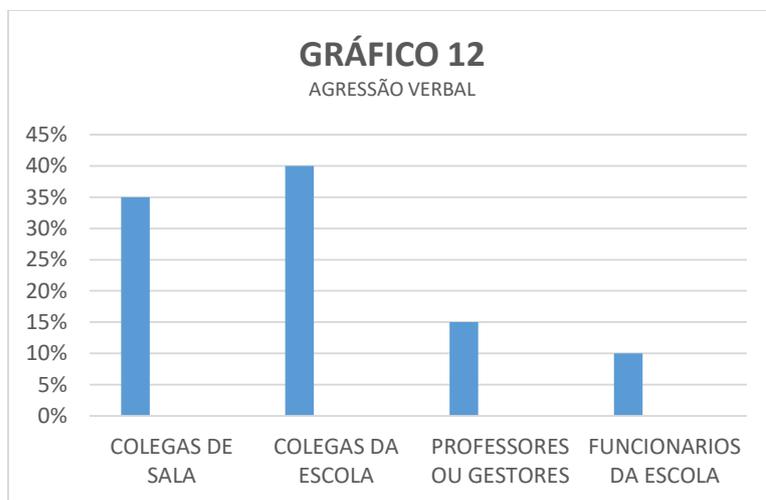
Já a violência vivenciada pelos participantes dentro da escola foi de natureza física e psicológica como mostra o gráfico:



Fonte: Pesquisa de campo da autora.

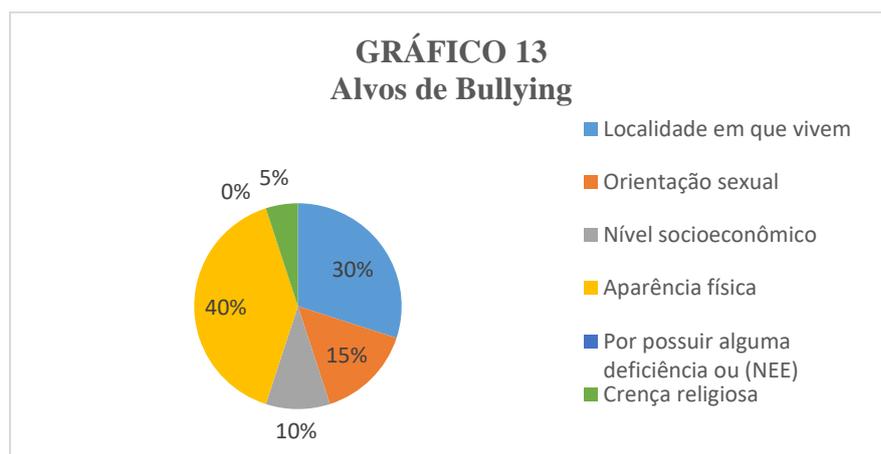
Diante da prevalência de agressões verbais dentro da escola, foi questionado quem realizava esse tipo de violência com mais frequência e o resultado foi que a

maioria dos praticantes era colegas de sala (35%) e da escola (40%), como é apresentado no gráfico:



Fonte: Pesquisa de campo da autora.

O alto índice de agressão verbal praticada pelos colegas de sala e da escola foram agregadas a possível prática de *bullying*. Sobre isso ao serem questionados pelos motivos de serem possíveis alvos de *bullying* os participantes apresentaram os seguintes motivos:



Fonte: Pesquisa de campo da autora.

Por fim, em relação à violência contra a escola houve uma prevalência dos participantes que afirmaram nunca ter praticado nenhum tipo de destruição ou vandalismo contra a escola, como é apresentado no gráfico:



Fonte: Pesquisa de campo da autora.

O objetivo principal desta pesquisa não foi atribuir a escola, ou gestores, profissionais da educação, família, estudantes, etc., a culpa pela disseminação da violência. Mas, identificar os tipos de violência que os estudantes estão sendo submetidos no ambiente interno e externo da EEFM João Nogueira Jucá, e de que forma ela pode os afetar (ou não). Desse modo, esse trabalho busca contribuir com a identificação e a caracterização da violência, com a finalidade de diagnosticar as causas e apontar possíveis intervenções que possam ajudar os estudantes a superar o problema da violência.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é um local de socialização e aprendizagem, principalmente para os jovens que, estão em processo de construção de identidade. Por muitas vezes, em busca de referenciais eles acabam ficando expostos a sociedade e quando a violência faz parte dessa realidade essa exposição pode ser prejudicial. Fazendo assim, ser necessário combater todo e qualquer tipo de violência e essencialmente no ambiente escolar onde os jovens passam grande parte do tempo.

Para isso, é importante que a escola busque o apoio das famílias e comunidades, com o intuito de adotar medidas preventivas contra a violência.

Podendo assim evitar que ela interfira prejudicialmente no cotidiano do ambiente escolar e dos sujeitos envolvidos. É válido salientar que as medidas preventivas são essenciais, pois possuem caráter educativo e de conscientização e devem abranger os diferentes grupos envolvidos no ambiente escolar: alunos, educadores, funcionários, familiares, etc.

Apresentam-se, cinco propostas de possíveis intervenções que possam auxiliar no combate à violência escolar formulada a partir da análise dos dados da pesquisa de campo, e com base em referenciais teóricos.

A primeira proposta seria a divulgação de campanhas educativas a respeito dessa problemática e de suas consequências por contribuírem com informações necessárias que possam auxiliar no combate à violência seja através de denúncias, grupos de apoio, dentre outros. Através desse trabalho é possível que haja uma facilidade na interação e conscientização coletiva sobre esse problema. De acordo com Rosa (2010, P.154),

A prevenção é a melhor forma de se evitar que o mal seja instalado, essa é a forma de expressão usada para qualquer fator que represente ameaça a vida humana ou a natureza de modo geral. Dessa forma, prevenir a violência na escola é a melhor forma de evitar que males como o *bullying* se instale.

O trabalho preventivo na escola se torna essencial e pode resultar positivamente na educação e na interação dos estudantes principalmente quando eles (como os que participaram da pesquisa de campo) afirmam receber poucas informações sobre o combate e a identificação dos tipos de violência. Agrega-se a isso o fato de que o estudante muitas vezes é proveniente de famílias desestruturadas (pais separados, ausência de um dos responsáveis, etc.) e que por isso são poucas as informações que receberam em casa a respeito do combate à violência. A escola, muitas vezes, aparece como o único núcleo educativo na vida desses sujeitos, por isso a sua importância nas ações socioeducativas. Quando essas ações estão ausentes nas escolas, os estudantes se sentem abandonados à própria sorte. Essa falta de informações entre os estudantes, pode ser vista nos resultados da pesquisa, quando, por exemplo, alguns dos discentes entrevistados afirmam ter sofrido coerção (por parte da gestão, de professores), ao mesmo tempo que declara desconhecer que isso poderia ser caso de violência institucional. Sobre esse tipo de violência, ainda foi possível verificar entre os participantes da pesquisa,

que por muitas vezes acabaram naturalizando a violência institucional, exatamente por falta de informações sobre o assunto, e assim muitos discentes simplesmente afirmaram que não sentem mais vontade de permanecer na escola, por se sentirem envergonhados, constrangidos, etc. Percebe-se então que quando não existe essa prevenção da violência no ambiente familiar (para qualquer tipo de violência), os estudantes esperam que a escola a realize, sobre isso Charlot (2002, P.436) afirma que:

“a questão da violência na escola não deve ser enunciada somente em relação aos alunos: o que está em jogo é também a capacidade de a escola e seus agentes suportarem e gerenciarem situações conflituosas, sem esmagar os alunos sob o peso da violência institucional e simbólica”. (CHARLOT, 2002, P.436).

A violência na escola é um fenômeno complexo e problemático para tentar uma possível resolução deste problema é necessário que haja uma participação e união de todos os indivíduos que possam estar envolvidos: Família, professores, estudantes, gestores e comunidade. “Percebe-se que o ambiente escolar esporadicamente tem sido alvo de violências que atingem diretamente os valores culturais da sociedade enquanto reflexo de problemas familiares e/ou sociais, já que é nesse ambiente que as crianças passam grande parte de seu tempo”. (ROSA, 2010, P.150). Durante a pesquisa para a criação desse trabalho, observou-se que muitas famílias têm transmitido para a escola a responsabilidade de educar as crianças e jovens em todos os aspectos (não apenas as disciplinas escolares, mas também as relações humanas: respeito, igualdade, etc.) fazendo-se assim, uma inversão de valores. Por isso, coloca-se aqui a segunda proposta de intervenção: buscar o apoio familiar, através do diálogo (em reuniões, campanhas educativas, etc.) para um trabalho em conjunto “escola e família”, com o objetivo de tornar a escola um ambiente saudável, capaz de transmitir uma educação de qualidade e valores humanos, com responsabilidade e compromisso de ambas as partes.

Foi notado durante a pesquisa de campo que, a maioria dos estudantes participantes, possui o senso comum de acreditar que a violência no ambiente escolar se restringe a agressões de cunho físico, como: brigas, espancamentos, etc. Sobre isso, Bacos (2014, P.247) explica que:

Podemos perceber que o considerado atualmente pelo senso comum como violência nas escolas vai muito além de observáveis agressões físicas entre alunos, mas pode abordar questões que extrapolam as fronteiras escolares, tais como: diferenças de classe social nas escolas; padronização social da estética; formalização do comportamento; revolta à instituição escolar; casos de falta de entendimento da escola para com as necessidades dos alunos; intimidações e variadas formas de violência simbólica, etc.

Percebe-se aí, que a escola como instituição também sofre os reflexos da violência, seja por fatores externos (violência urbana por exemplo) ou internos (violência institucional). Diante disso, não apenas os estudantes, podem ser afetados, mas também os gestores, professores, dentre outros, que fazem parte da instituição, fator que compromete o funcionamento e as relações dentro do ambiente escolar. Nesse aspecto, levanta-se a terceira proposta de intervenção: a disposição dos profissionais da instituição para tornarem-se mediadores em possíveis conflitos decorrentes da violência no espaço escolar.

Educadores e gestores possuem um importante papel no funcionamento e na qualidade das atividades escolares. Por estarem diariamente nesse ambiente, são capazes de avaliar e promover alternativas que possam auxiliar o combate a violência na escola. Possuem, portanto, um difícil compromisso na mediação dos conflitos que possam ocorrer na instituição, decorrentes da violência ou não. Diante disso, Pereira e Lopes (2016, P.212), afirmam que:

Há a necessidade de compreender os processos escolares, potencializar aqueles que permanecem e dão continuidade aos estudos e contribuir para reforçar as possibilidades da escola, como um local importante de sociabilidade, que pode proporcionar experiências formadoras de ação coletiva e facilitar um espaço de troca. Trata-se de um equipamento social que compõe uma rede de serviços, principalmente para jovens de grupos populares, e deve integrar uma rede de suporte que, dentre outros bens sociais, amplie o sentido da educação para o jovem. Uma escola que tenha como proposição a formação humana plena, facilitando as situações educacionais mais práticas pela transmissão de saberes e conhecimento úteis ao dia a dia dos jovens, uma escola que construa a articulação da educação com vivências para a atuação na sociedade, em um espaço que seja protegido, física e emocionalmente, para que todas as potencialidades dos jovens floresçam e não feneçam.

São amplos os sentidos e deveres atribuídos à escola. Concordando com Pereira e Lopes (2016), que, para que ela proporcione experiências coletivas, facilite a troca de conhecimento, e funcione como uma rede de suporte; ela precisa fazer

com que os jovens se sintam protegidos, compreendidos e amparados. Para isso, aponta-se a quarta proposta de intervenção: ouvir os estudantes.

Durante a pesquisa de campo, vários participantes mencionaram possuir ideias para melhorar a escola, como no espaço físico (melhoramento de determinadas instalações: quadra, banheiro, etc.), no âmbito cultural e educacional (formação de grêmios estudantil, jornal e rádio da escola, cursinhos preparatórios, etc.). Porém, relataram que, quase sempre que buscavam ajuda da escola (gestores e professores), para tentar agregar essas ideias, ou situações parecidas, acabavam não sendo ouvidos.

Os participantes relataram ainda que situações como essas são comuns, e por muitas vezes ocasionam neles um sentimento de impotência, indisciplina, desmotivação, desinteresse, insatisfação, etc.

Que fique claro que o presente trabalho não busca transferir toda e qualquer responsabilidade apenas para a escola, pois a mesma, não é capaz de resolver sozinha todos os problemas decorrentes da violência. Isso depende de um trabalho em conjunto de todos os envolvidos. Mas, para buscar mediar os conflitos que possam existir no seu espaço, os professores, gestores e funcionários, possuem extrema importância; para isso, torna-se necessário ouvir as vozes dos estudantes.

Por fim, a quinta e última proposta de intervenção, associa-se a busca da escola por políticas públicas, que possam auxiliá-la no seu desenvolvimento, garantindo formas de assistência aos estudantes, como: programas de assistência estudantil, atividades educacionais (como acesso a cursinhos preparatórios, de língua estrangeira, citado pelos participantes da pesquisa de campo.), parcerias com entidades públicas ou privadas que beneficiem os estudantes, etc. com intuito de assegurar aos estudantes o direito à cidadania e à educação de qualidade.

Contudo, percebe-se que, cabe a escola e seus mediadores, monitorar o comportamento e relacionamento dos estudantes em seu espaço, no intuito de identificar as possíveis dificuldades, ocasionadas ou atribuídas pela violência, respeitando as características e diferenças individuais. Devendo ela, buscar também contar com o apoio da comunidade e dos familiares, para poder beneficiar os estudantes e assim, construir uma escola harmoniosa; que priorize o respeito e a igualdade; tornando-se um local saudável para todos os envolvidos.

O objetivo principal desse trabalho foi conceituar e investigar as múltiplas formas de manifestação da violência no ambiente escolar pesquisado a partir da percepção dos participantes. Para isso, foi necessário inicialmente um levantamento bibliográfico sobre a temática da pesquisa que possibilitou referencial teórico para a discussão a respeito da violência e suas configurações. Consecutivamente, foi realizada a pesquisa de campo, que possibilitou o fornecimento de dados, necessários para compreender como os envolvidos se sentiam afetados pela violência.

O intuito desse trabalho não foi culpar ou atribuir a escola e os sujeitos que a representam (gestores e professores), pela disseminação de qualquer tipo de violência, mas, compreender como ela se manifesta na realidade dos estudantes, e de como eles a percebem. Não houve intenção de fornecer generalizações, apenas compreender melhor o fenômeno da violência na escola e sua complexidade.

7. ANEXO 01 - Modelo do questionário utilizado na pesquisa de campo

VIOLÊNCIA NA ESCOLA E EM SUAS PROXIMIDADES

IDADE:	SEXO: FEMININO() MASCULINO ()
COR: BRANCA () PRETO () AMARELO () INDÍGENA () PARDA ()	
VOCÊ ESTA EM QUE ANO DO ENSNO MÉDIO?	1° ANO() 2° ANO() 3°ANO()

1 - Em relação ao bairro onde a sua escola se localiza, e como você se sente dentro da escola, marque com um X, de acordo com sua resposta:

PERGUNTAS	SIM	NÃO
Você se sente seguro na escola?		
Você se sente seguro nos arredores da escola?		
Durante o percurso entre sua casa e a escola você se sente seguro?		
Você já esteve envolvido em algum tipo de confusão, ameaça ou outros tipos de violência no caminho para escola?		
Você já sofreu algum tipo de violência dentro da escola?		
Você já teve medo de algum aluno, ou alguém da escola?		
Você já deixou de frequentar a escola por causa da violência no bairro da escola?		
Você já teve medo de ir para a escola?		
Você acha seguro a localidade da sua escola?		

2- Em que bairro você mora? _____

3- Como você vai para a escola? Utiliza algum transporte? Qual? _____

4- Em relação ao bairro que você mora responda as seguintes perguntas:

PERGUNTAS	AS VEZES	NUNCA	SIM	NÃO
Você se sente seguro no bairro que você mora?				
Você sente que pertence a comunidade/bairro aonde mora?				
Você confia nas pessoas da comunidade aonde mora?				
Você conta com alguma instituição ou organização comunitária quando precisa?				
Sua comunidade/bairro tem melhorado nos últimos dois anos?				
Depois do ato de PAZ NA SAPIRANGA, você tem se sentido mais seguro?				

5- Marque com um X, se você já sofreu com algum tipo de preconceito ou Bullying dentro da escola:

PERGUNTAS	AS VEZES	NUNCA	SIM	NÃO
Por morar onde moro (bairro-comunidade)				
Pelo fato de ser homem ou mulher				

Pela minha orientação sexual				
Por causa do meu nível socioeconômico				
Por causa da sua aparência física				
Por ser deficiente				
Por causa da minha religião				

6- Em algum momento da sua vida, você já praticou algo ilegal dentro ou nos arredores da escola? Marque o quadro a seguir de acordo com sua resposta:

PERGUNTAS	SIM	NÃO
Já praticou Violência física ou verbal, contra outros alunos		
Destruição de patrimônio da escola		
Envolvimento em pichação		
Já roubou algo, ou já se apossou de algo que não era seu		
Já vendeu drogas		
Já usou drogas		

7- Identifique as situações que você já vivenciou dentro da escola:

Tipos de situação	Já aconteceu com você?	Com que frequência isso aconteceu com você?	O quanto essa situação foi ruim para você?	Indique quem fez isso com mais frequência:
AMEAÇA HUMILHAÇÃO OFENSAS AGRESSÃO VERBAL	A <input type="checkbox"/> SIM B <input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> NUNCA <input type="checkbox"/> AS VEZES <input type="checkbox"/> SEMPRE <input type="checkbox"/> QUASE SEMPRE	<input type="checkbox"/> NADA RUIM <input type="checkbox"/> UM POUCO RUIM <input type="checkbox"/> MUITO RUIM <input type="checkbox"/> HORRÍVEL	<input type="checkbox"/> COLEGAS DE SALA <input type="checkbox"/> COLEGAS DA ESCOLA <input type="checkbox"/> PROFESSORES OU MONITORES <input type="checkbox"/> FUNCIONARIOS DA ESCOLA <input type="checkbox"/> OUTROS
SOCOS SURRAS AGRESSÃO FISICA	A <input type="checkbox"/> SIM B <input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> NUNCA <input type="checkbox"/> AS VEZES <input type="checkbox"/> SEMPRE <input type="checkbox"/> QUASE SEMPRE	<input type="checkbox"/> NADA RUIM <input type="checkbox"/> UM POUCO RUIM <input type="checkbox"/> MUITO RUIM <input type="checkbox"/> HORRÍVEL	<input type="checkbox"/> COLEGAS DE SALA <input type="checkbox"/> COLEGAS DA ESCOLA <input type="checkbox"/> PROFESSORES OU MONITORES <input type="checkbox"/> FUNCIONARIOS DA ESCOLA <input type="checkbox"/> OUTROS

AGRESSAO FISICA COM OBJETOS (CINTO,FIO,ETC)	A () SIM B () NÃO	() NUNCA () AS VEZES () SEMPRE () QUASE SEMPRE	() NADA RUIM () UM POUCO RUIM () MUITO RUIM () HORRÍVEL	() COLEGAS DE SALA () COLEGAS DA ESCOLA () PROFESSORES OU MONITORES () FUNCIONARIOS DA ESCOLA () OUTROS

8- Identifique as situações que você já vivenciou dentro do bairro onde se localiza sua escola:

Tipos de situação Que você já presenciou/ ou sofreu	Já aconteceu com você?	Com que frequência isso aconteceu com você?	O quanto essa situação foi ruim para você?	Indique quem fez isso com mais frequência:
Assaltos	() sim () não	() Algumas vezes () Nunca () Dificilmente () varias vezes	() nada ruim () um pouco ruim () muito ruim () horrível	() amigos () desconhecidos () outros
Agressão física	() sim () não	() Algumas vezes () Nunca () Dificilmente () varias vezes	() nada ruim () um pouco ruim () muito ruim () horrível	() amigos () desconhecidos () outros
Agressão verbal	() sim () não	() Algumas vezes () Nunca () Dificilmente () varias vezes	() nada ruim () um pouco ruim () muito ruim () horrível	() amigos () desconhecidos () outros
Depredação de patrimônio publico	() sim () não	() Algumas vezes () Nunca	() nada ruim () um pouco ruim	() amigos () desconhecidos

		()Difícilmente	() muito ruim	() outros
		()varias vezes	() horrível	

8. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Maria da G. B. **A violência na sociedade contemporânea**. Dados eletrônicos, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2010.

ARENDDT, Hannah. **Sobre a Violência/Título Original: On Violence**, Data Publicação Original: 1969/1970, Tradução: André Duarte. Rio de Janeiro, 1994.

ATLAS DA VIOLÊNCIA (2016), disponível no link:

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/160322_nt_17_atlas_da_violencia_2016_finalizado.pdf

BACOS, Raissa Maia. **ESTUDO SOBRE VIOLÊNCIA NA ESCOLA E SUAS PRINCIPAIS TIPOLOGIAS**. Anais do Congresso de Pesquisa e Extensão e da Semana de Ciências Sociais da UEMG/Barbacena, [S.I.], v. 1, n. 1, jul. 2014.

CERQUEIRA, Daniel. Nota Técnica: Indicadores Multidimensionais de Educação e Homicídios nos territórios focalizados pelo Pacto Nacional pela redução de homicídios. N.18, Brasília 2016. Disponível no link:

http://www.justica.gov.br/noticias/senasp-lanca-estudo-sobre-educacao-e-reducao-de-homicidios/160510_notatecnica_diest_18.pdf

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Porto Alegre, Revista sociologias, 2002.

CHAUI, Marilena. **Ética e violência no Brasil**. 2011.

COELHO *et al.* **Violência, risco e proteção em estudantes de escola pública**. Rev. Psicologia, 2014.

COELHO, Wilma de N. B. e COELHO, M. C. **Música, raça e preconceito no ensino fundamental: notas iniciais sobre hierarquia da cor entre adolescentes**. 2013.

DALBERG, Linda L, KRUG, Etienne G. **Violência: um problema global e de saúde pública** (capítulo extraído com autorização do autor do Relatório Mundial sobre violência e saúde, OMS, 2002).

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 9ª Ed. Biblioteca digital da câmara dos deputados, 2012.

FILHO, Ciro M. **Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira**. 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

GONDIM, Sônia M. G. **Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: Desafios metodológicos**. Paidéia, 2003, P.149-161.

GULLO, Álvaro de Aquino e Silva. **Violência urbana: um problema social**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(1):105-119,1998.

- HAUCK, Karine C. S. **VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM BREVE ESTUDO SOBRE O TEMA**. Juiz de Fora, 2009.
- HAYECK, Cynara M. **Refletindo sobre a violência**. Revista brasileira de história e ciências sociais, n.1, 2009.
- JANCZURA, Rosane. **Risco ou vulnerabilidade social?** Porto Alegre, v.11, n.2, P.301-308, 2012.
- LIMA, Leonardo C. A. e GOMES, Candido A. **Ensino Médio para todos: oportunidades e desafios**. Ver. Brasileira de est. Pedagógicos. Brasília, 2013.
- MARTINS, Heloisa T. de S. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. São Paulo, v.30, p.289-300, 2004.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política** – livro I, volume 2: tradução de Reginaldo Sant’Anna. 20. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- MINAYO, Cecília de S. **Capítulo I: Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde**. Impactos da violência na saúde, Brasília: Ministério da saúde, 2006.
- MINAYO, Cecília de S. **Capítulo I: Um problema para a saúde dos brasileiros. Impacto da violência na saúde dos brasileiros** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- MINAYO, *et al.* **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Editora Vozes, 30ª Ed. 2011.
- MORFINO, Vittorio. **A Sintaxe da violência entre Hegel e Marx**. São Paulo, 2008.
- NETO, Aramis A. L. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. Sociedade brasileira de pediatria, 2005.
- PEREIRA, Beatriz P. e LOPES, Roseli E. **Por que ir à escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do ensino médio**. Porto Alegre, 2016.
- PIERRE, Bourdieu. O poder simbólico. Ed. Difel, Lisboa. Ed.Bertrand. Tradução: Fernando Tomaz, versão original: 1989.
- ROSA, Maria J. A. **Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem**. Itabaiana: Gepiade, Ano 4, Volume 8, 2010.
- SANTOS *et al.* **Violência no âmbito escolar: uma questão social**. Curitiba, 2013.
- SANTOS, Silas D. **O fenômeno da violência escolar na visão de Hannah Arendt**. Campo Grande, v.3, 2013.
- SANTOS, Vicente T. do Santos. **Revisões críticas - A violência simbólica: O Estado e as práticas sociais**. Revisão de Bourdieu, Pierre (2012).
- SHULTZ *et al.* A compreensão sistêmica do bullying. Maringá, Psicologia em estudo, volume 17. P. 247-254, 2012.
- SILVA, Luiz A. M. **SOCIABILIDADE VIOLENTA: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, 2004.

- SOUZA *et al.* **E quando os estudantes pedem mais disciplina? Estudo de caso e reflexões sobre autonomia e vida escolar.** Psicologia, ciência e profissão. 2010.
- SOUZA, Liliane P. **A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DE SOCIÓLOGOS FRANCESES AO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR BRASILEIRA.** Revista LABOR nº7, v.1, 2012.
- SOUZA, Mirian R. **VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS.** *Caderno Discente do Instituto Superior de Educação – Ano 2, n. 2 – Aparecida de Goiânia, 2008.*
- SPOSITO, Marília P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil.** Educação e pesquisa, São Paulo v.27, p.87-103, 2001.
- STELKO, Ana C. Avaliação de um programa preventivo de violência escolar: planejamento, implantação e eficácia. São Carlos, 2012.
- VIEIRA, J. C. **As múltiplas faces da violência escolar.** 2008.
- ZALUAR, Alba e LEAL, Maria C. VIOLÊNCIA EXTRA E INTRAMUROS. RBCS Vol. 16, n.45, fevereiro/2001.